



CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

CIÊNCIAS HUMANAS

e suas TECNOLOGIAS



Filosofia

Fascículo 1
Unidades 1 e 2

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Elaboração
Bárbara Sales Castelhana
Marco Antonio Casanova

Atividade Extra
Bárbara Sales Castelhana
Carlos Henrique M. Veloso

Revisão de Língua Portuguesa
Paulo Cesar Alves

Coordenação de
Design Instrucional
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional
Elaine Perdigão
Heitor Soares de Farias
Rômulo Batista
Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades
Andreia Villar

Diagramação
Alessandra Nogueira
Bianca Lima

Juliana Fernandes
Juliana Vieira
Patrícia Seabra
Ronaldo d' Aguiar Silva

Ilustração
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Jefferson Caçador
Sami Souza

Produção Gráfica
Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 1 Introdução à Filosofia	5
------------------------------------	---

Unidade 2 Quem é o ser humano?	37
----------------------------------	----

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Introdução à Filosofia

Fascículo 1
Unidade 1

Introdução à Filosofia

Para início de conversa...

Sejam bem-vindos à Unidade I do curso de Filosofia!

Pretendemos, neste primeiro momento, fazer com que você se familiarize com a Filosofia, conhecendo sua origem, seu sentido, suas questões. Você conhecerá alguns filósofos e entrará em contato com seus pensamentos, visões de mundo e dilemas.

Você compreenderá que existem diferentes formas de conhecimento, e que a Filosofia é uma delas, sendo caracterizada, antes de tudo, pela sua **criticidade**.

Criticidade

Qualidade do que é crítico.

Além disso, vamos tentar desfazer aquela visão preconceituosa que algumas pessoas ainda têm sobre a filosofia ser uma “viagem”, coisa de quem não tem o que fazer, e que fica apenas divagando sobre questões inúteis ou impossíveis de serem respondidas.

Veremos que, ao contrário, a Filosofia constitui um saber muito importante que nos ensina a questionar essa realidade que parece ser um dado objetivo. Considerá-la assim, objetiva, pode fazer com que a aceitemos de modo passivo. Mas, se nos tornarmos capazes de refletir e questionar, poderemos nos tornar verdadeiramente cidadãos e, desse modo, intervir e lutar por um mundo melhor.

Objetivos de aprendizagem

- Contextualizar historicamente o surgimento da Filosofia na Grécia;
- Situar a Filosofia como uma das dimensões para compreender e transformar o homem e o mundo;
- Distinguir o pensamento mítico do pensamento filosófico, identificando elementos que indiquem a ruptura e a continuidade entre Mito e Filosofia.

Seção 1

Apenas (mais) uma forma de introdução à Filosofia

Já dizia Wittgenstein que “a Filosofia não é uma *doutrina*, mas uma *atividade*”. E ele estava certo. Diferentemente das outras disciplinas, a Filosofia não se encontra limitada por seu objeto de estudo, mas revela-se como uma forma especial de pensamento que, apesar de, em si mesma, não possuir um conteúdo (pré)determinado, pode pôr-se a refletir e a questionar todos os segmentos da atividade humana.

O termo grego Filosofia (*philosophia*) é a expressão do amor ao conhecimento e da busca incansável do homem pelo sentido e fundamento de todas as coisas.

Por um lado, distingue-se da religião, uma vez que não assenta suas bases na fé ou na crença, mas na razão. Por outro, não deve ser confundida com a opinião, pois prima pelo rigor e profundidade em suas argumentações.

Mas essa atividade da razão humana não existiu desde sempre: a Filosofia é um produto da genialidade grega. Vamos aprender um pouco mais sobre sua história?

E no princípio, o Mito

Ninguém precisa ser filósofo para fazer perguntas, concorda? Faz parte de nossa própria natureza esta necessidade de se obter respostas e, se possível, certezas a respeito das coisas e de nós mesmos. Dessa forma, basta pesquisarmos um pouco para encontramos uma série de perguntas fundamentais que acompanham os seres humanos desde sempre.

De onde viemos? Como surgiram todas as coisas? Por que e como acontecem os fenômenos naturais? Qual o sentido de nossa existência?

Nesta seção, iremos acompanhar a passagem do modelo de explicação que chamamos *mítico* ao modelo *racional*, proposto pelos primeiros filósofos. Mas você sabe o que é um Mito?

O Mito, assim como a Filosofia e a Ciência, constitui uma tentativa de se responder àquelas perguntas sobre as quais falamos anteriormente a partir da ação de agentes sobrenaturais. Assim, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heróico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do Mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou uma criatura com habilidades sobre-humanas.

Pois bem, antes do nascimento da Filosofia, a concepção de mundo dos gregos era totalmente ligada ao Mito. Certamente você já deve ter ouvido falar na Mitologia Grega, não é mesmo? Vamos conhecer um pouco sobre ela? Você perceberá que conhecer o modo peculiar dos gregos de entender a si mesmos e ao mundo será de grande ajuda em nossa aula sobre Filosofia.

Muitas Grécias, vários deuses

É importante que desfaçamos, antes de mais nada, a ideia comumente passada de que existia uma única Grécia na antiguidade. Na verdade, existiam muitas Grécias. Divididos em um grande número de poleis (ou Cidades-Estado), seus habitantes compartilhavam poucas coisas além de uma língua em comum. Dependendo da cidade, a mulher era vista como igual ou inferior ao homem. A educação era voltada para a prática política ou militar e o contato com o estrangeiro poderia ser estimulado ou evitado. Cada cidade possuía o seu deus protetor e, ao seu lado, um Mito rememorado pelos seus habitantes e que marcava a sua superioridade sobre os demais. Não havia igualmente uma capital, apesar da superioridade evidente das duas poleis mais famosas do mundo antigo: **Atenas** e **Esparta**.



Saiba Mais

Atenas e Esparta foram as principais Cidades-Estado gregas, e servem como exemplo para nos mostrar que cada *pólis* possuía costumes e visões de mundo bastante diversos. Os Espartanos, de tradição militarista, ficaram conhecidos pela valorização da figura do Guerreiro, enquanto os Atenienses por priorizar a educação de seu povo, tendo transformado Atenas em um grande centro intelectual e no berço da democracia. Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida nas duas Cidades? Acesse os links a seguir:

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Atenas
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta>

Mas então, frente a tantas diferenças, o que une os gregos? Em primeiro lugar, como já dissemos, a existência de uma única língua capaz de produzir um sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, que seja flexível o suficiente para dar conta dessa multiplicidade de vozes.

A língua – não só a grega, lógico – é um importante elemento de coesão cultural. E, no caso grego, nutriu-se das histórias míticas contadas inicialmente pelos poetas e, mais tarde, pelos filósofos. Imagine aprender a ler a partir das histórias contadas por Homero, o grande poeta grego do século VIII a.C.? Devia ser incrível, não concorda? Mas, é importante ressaltar que não se tratavam de textos ao estilo das nossas conhecidas cartilhas, mas livros como a **Ilíada** e a **Odisséia** que retratam, em detalhes, acontecimentos históricos, permeados de seres divinos e lições de moral. O

que isso significa? Simples: o grego, desde pequeno, pensava e sentia e vivia num mundo rodeado de forças sobrenaturais. Dedicava sua vida, a de sua família e cidade aos seus deuses e deusas. Vivia e morria a partir de uma perspectiva mágico-religiosa. O que chamamos de Mito, nos nossos dias, era para os gregos antigos, sua religião.

Ilíada

Poema épico de 15.693 versos, escrito por Homero, que narra a história da Guerra de Tróia (*Iliou*, em grego).

Odisséia

Poema épico de 12.110 versos, atribuído Homero, que conta as aventuras do herói grego Odisseu (ou Ulisses) em seu retorno a Ilha de Ítaca, logo após o desfecho da Guerra de Tróia.

Apesar de não haver uma unidade nas histórias e da própria caracterização de suas divindades, a Mitologia grega assenta as suas bases em fontes como as obras dos poetas Homero e Hesíodo e do filósofo Platão. Era baseada na crença de um panteão de divindades chamadas olimpianas, governadas por Zeus. De modo geral, cada deus representava uma aspecto da realidade. Havia, assim, um deus da guerra (Ares), um dos mares (Poseidão), uma deusa do amor (Afrodite), uma outra protetora dos casamentos (Hera) ou mesmo da sabedoria (Atená).

A própria Terra, o Céu e os Mares eram vistos como entidades dotadas de vontade.



Figura 1: A pintura de Giorgio Vasari and Gherardi Christofano (séc. XVI) retrata a mutilação de Urano (O Céu) por seu filho Cronos (O Tempo). Assim, a partir do estratagema de Gaia (Terra), os Titãs assumem o poder.

A religiosidade grega fazia-se sentir em toda a parte, como por exemplo, nos jogos olímpicos. Você sabia que, na época dos jogos, ficava proibida qualquer hostilidade entre as cidades gregas? Declarar guerra contra outra *pólis* ou mesmo assaltar um atleta a caminho dos jogos seria visto como crime contra os deuses. No mínimo, fascinante!

Por esse motivo, durante muitos anos, os historiadores foram unânimes em apontar o surgimento da Filosofia como produto do que chamaram de o “milagre grego”. Não conseguiam entender como os filósofos puderam romper radicalmente com as explicações míticas que traziam tanto sentido ao mundo grego.



As histórias contadas pelos mitos são de grande importância para que possamos, ainda hoje, compreender a visão de mundo dos gregos. Suas mensagens, embora utilizando-se de seres sobrenaturais, vêm atribuir sentido a um mundo em uma época em que ainda não existiam as explicações científicas ou filosóficas, e traziam lições acerca da moral e da organização da vida em sociedade. Os valores culturais e religiosos expressos através dessas narrativas pretendiam, desse modo, dar conta de um universo fabuloso e cheio de mistérios.

Nem tanto um milagre

Segundo os historiadores, a Filosofia teria surgido pela primeira vez na Grécia, por volta do século VI a.C., na antiga cidade da Ásia Menor chamada Mileto, tendo como protótipo o pensamento de Tales (c. 624/5 a.C.- 556/8 a.C.). Inventor, astrônomo e matemático – você deve lembrar do seu famoso teorema –, Tales é o resultado de toda uma série de fatores que lhe permitiram registrar seu nome na história como sendo o primeiro filósofo.

Antes de mais nada, Mileto era uma cidade que mantinha vínculos comerciais bem estreitos com o Oriente, como com o Egito e cidades do sul da atual Itália. A sua localização geográfica privilegiada permitiu contato com essas culturas e assim o fortalecimento da economia milésia através do comércio, ocorreu juntamente com a troca de conhecimentos e com a inevitável relativização de valores.



Figura 2: O Mundo Grego na antiguidade. A Filosofia surge na periferia. Repare no mapa a localização da cidade de Mileto, antiga colônia da Jônia e as futuras potências mundiais Atenas e Esparta. Adaptação do mapa por Emmanuel Fraga.

A própria religião grega, **politeísta e antropomórfica**, revelava-se mais aberta a novas leituras e manifestações que as posteriores crenças em uma única divindade.

Politeísta (do grego, *poli* = muitos e *teos* = deus)

Crença em várias divindades.

Antropomórfica (do grego *anthropos* = homem e *morphé* = forma)

O que tem a forma, as características do homem.

Aliado a esses fatores, temos aquele que é apontado como o de maior relevância em fazer da Grécia o berço da Filosofia: a invenção da política.

A *pólis* teria surgido, dois séculos antes de Tales nascer, nas comunidades da Ásia Menor. A maioria delas não era verdadeiramente “democrática” como alguns gostam de afirmar, mas a vida em seu interior girava em torno das decisões de instituições que funcionavam como espécies de conselhos e assembleias, ora do povo, ora aristocratas ou dos magistrados. E em que isso ajudaria a Filosofia? Simples: **a prática do diálogo e o estímulo ao exercício da discussão, inerentes ao debate político, criaram as condições ideais para essa nova forma de pensar a realidade que toma como princípio não mais a fé nos deuses, mas a razão humana. Por isso, frequentemente ouvimos que a “Filosofia é filha da *pólis*”.**

Mas seria um equívoco pensarmos que bastou a Filosofia surgir no século VI a.C. para que os gregos abandonassem as suas crenças. Obviamente, o processo de dessacralização do saber não ocorreu de uma hora para outra, mas foi resultado de um longo processo histórico no qual, aos poucos, foi-se percebendo que as histórias contadas pelos antigos poetas não mais eram suficientes para dar conta do real. Ainda assim, por muito tempo, o Mito coexistiu com pensamento filosófico, mantendo-se presente até mesmo nos escritos de filósofos de renome como Platão (c. 428/7 a.C.-348/7 a.C.).

A predominância da razão (chamada de *logos* pelos gregos) na explicação da realidade que percebemos nos dias de hoje tem sua origem na Filosofia, quando, pela primeira vez, ocorre um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma explicação que parte da observação e do raciocínio.

Em busca de uma definição de Filosofia

Dissemos anteriormente que a tradição conferiu a Tales de Mileto o título de primeiro filósofo da história. No entanto, muito pouco restou de suas ideias. Sabe-se que foi o responsável por inaugurar uma nova forma de pensar, caracterizada pela recusa dos modelos mágico-religiosos tradicionais e pela exaltação da razão como a principal forma de compreensão da realidade.

A palavra Filosofia só apareceu tardiamente com Heráclito de Éfeso (c. 535 a.C.-475 a.C.) ou Pitágoras de Samos (c. 570/10 a.C.-497/6 a.C.) como forma de saber humano caracterizado pela busca incessante de respostas.

Etimologicamente, a palavra Filosofia significa amor ou amizade (*philia*, em grego) à sabedoria. O filósofo, portanto, seria o *amante do saber*, um protótipo de sábio, sempre disposto a apontar problemas e propor soluções às diferentes questões da vida e do mundo.

A despeito das inúmeras definições e matizes que a Filosofia possa ter, parece ser um consenso entre os profissionais que dela se ocupam dizer, à exemplo de Wittgenstein, que “A Filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade”. Atividade esta, de origem grega e de natureza racional, expressa por meio de um posicionamento crítico frente à realidade.

Leia atentamente o texto abaixo e, em seguida, desenvolva um pequeno texto sobre a importância da filosofia nos dias atuais.

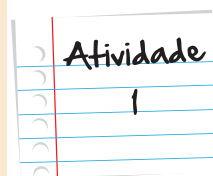


O Valor da Filosofia

O valor da filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do senso comum, das crenças habituais de sua época e do seu país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliares são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (...) de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; ela remove o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar. (RUSSELL, B. Os Problemas da Filosofia, Capítulo XV)



Anote suas
respostas em
seu caderno



Os problemas da Filosofia

Como vimos anteriormente, a Filosofia constitui, ao mesmo tempo, uma atividade e uma atitude racional de busca do conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, qualquer tema, a princípio, pode ser objeto da reflexão de um filósofo, não é mesmo?

De qualquer forma, basta um estudo mais atento da própria História da Filosofia para percebermos que alguns desses problemas mostram-se recorrentes e, apesar de distintos, nos permitem extrair características em comum. Em outras palavras, os filósofos, de modo geral:

- preocupam-se com a questão da fundamentação das ideias e práticas (as chamadas “condições de possibilidade”);
- acabam por desenvolver um sistema conceitual a partir do qual pretendem explicar determinados fenômenos ou atividades;
- partem de observações críticas sobre os demais pensadores a fim de justificar a sua “solução” aos problemas encontrados.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) disse, pela primeira vez, que a Filosofia deveria se ocupar de três perguntas fundamentais, a saber:

- O que podemos conhecer?
- O que devemos fazer?
- O que nos é permitido esperar?

No entanto, segundo Kant, essas três questões podem – e devem – ser reduzidas a uma outra que questiona sobre *o que é o homem*.

De certa forma, esta é uma maneira bem interessante encontrada pelo filósofo de abordar os campos de investigação filosófica, uma vez que cada uma dessas perguntas representaria uma área específica da própria Filosofia.

Os períodos da Filosofia

A divisão em períodos históricos, como tudo o mais no campo da Filosofia, é palco de grandes polêmicas. No entanto, a fim de deixarmos de lado – pelo menos provisoriamente – esse complicado debate, optamos por apresentar uma versão bastante simplificada a partir da linha do tempo abaixo:

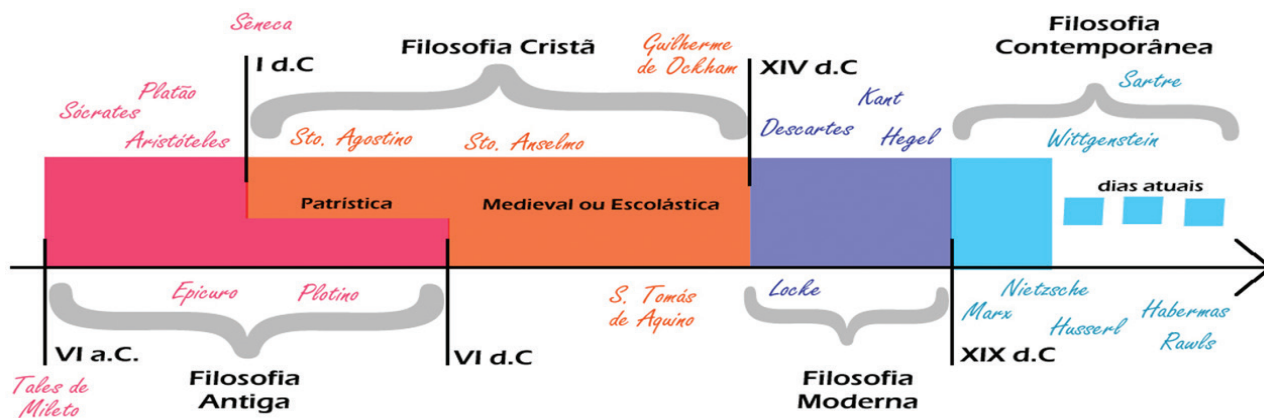


Figura 3: Linha do Tempo – Periodização da história da Filosofia que começa com o pré-socrático Tales, passando por séculos de influência cristã e chegando até os nossos dias com as inúmeras escolas e pensadores contemporâneos.

Assim, para fins didáticos, dividimos a História da Filosofia em:

1) Filosofia Antiga (VI a.C.-VI d.C.): Composta pela escola pré-socrática (de Tales a Empédocles), pelos filósofos chamados “clássicos” (Sócrates, Platão e os Sofistas), pelo período sistemático representado por Aristóteles e, finalmente, pelo período helênico das escolas epicuristas, estoicas, céticas e cínicas tanto gregas quanto romanas.

2) Filosofia Cristã (I d.C.-XIV d.C.): Composta pela Patrística (que abrange desde os primeiros escritos cristãos até a filosofia de Sto. Agostinho de Hipona) e todo o período medieval ou escolástico, cujo principal representante foi S. Tomás de Aquino.

3) Filosofia Moderna (XIV d.C.-XIX d.C.): Iniciada pelos filósofos renascentistas como René Descartes, seguidos pelos Iluministas como Immanuel Kant.

4) Filosofia Contemporânea (a partir do final do séc. XIX d.C.): Marcada pela reflexão dos filósofos como Karl Marx e Friedrich Nietzsche até os dias de hoje.

A Filosofia tem, portanto, quase 27 séculos de história. Uma história fascinante cheia de discussões acaloradas e teorias que pretendem dar conta, senão da totalidade, da maior parte das questões que assolam o espírito humano.

Que tal conhecermos um pouco mais sobre o que pensaram alguns dos personagens responsáveis por tudo isso?

Seção 02

Os primeiros filósofos

A tradição costuma atribuir a expressão “*pré-socráticos*” a todos os pensadores que antecederam o grande filósofo da cidade de Atenas chamado Sócrates (c. 470/69-399 a.C.). Essa anterioridade, em sua grande maioria, é histórica. No entanto, alguns pré-socráticos – como Demócrito de Abdera (c. 460 a.C.-370 a.C.) – parecem ter vivido na mesma época que o filósofo ateniense. De qualquer forma, pode-se afirmar com uma certa convicção que nenhum deles conseguiu alcançar a profundidade e, muito menos, o grau de abstração típico do pensamento socrático.

Nesse sentido, a anterioridade é, sobretudo, filosófica. A maioria desses pensadores fez da questão da origem (*archê*) e da natureza (*physis*) o seu objeto de reflexão, mas, por outro lado, também foram incapazes de romper definitivamente com a estrutura típica do discurso mítico. Veja o exemplo de Parmênides de Eléia. Considerado o “pai” da lógica pela descoberta dos **princípios de identidade e da não contradição**, escreveu todo o seu discurso sob a forma de poemas e dedicou os 32 versos de seu proêmio a uma espécie de hino de exaltação à deusa da justiça e da verdade, *Diké*:

“

E a deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão
minha mão direita tomou, desta maneira proferiu a palavra e me saudou:
Ó jovem acompanhado por aurigas imortais,
que, com cavalos, te levam ao alcance de nossa morada,
Salve! Porque nenhuma Partida ruim te enviou a trilhar este
caminho, à medida que é um caminho apartado dos homens,
mas sim Norma e Justiça. Mas é preciso que de tudo te
instruas: tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva
quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira.

”

Saiba Mais

Princípio de identidade e Princípio da não contradição

Mesmo hoje em dia, a lógica sustenta-se a partir de dois grandes princípios ou leis gerais, que têm nos escritos de Parmênides a sua formulação básica. A máxima “o Ser é e o Não Ser não é” afirma a identidade de toda coisa consigo mesma. Por outro lado, o princípio da não contradição já se fazia presente na proposição “ou uma (coisa) é ou não é”. Mais tarde, com Aristóteles e os medievais, acrescentou-se um terceiro princípio chamado do *terço excluído* que nada mais é do que uma consequência óbvia do segundo, uma vez que nega a existência de um terceiro elemento além da afirmação e da negação.

Apesar de toda a série de dificuldades em se estudar o pensamento pré-socrático – sobre o qual só restaram fragmentos – não podemos descartar a sua importância no desenvolvimento desta atividade tão complexa que é o filosofar.

A fim de facilitar o primeiro contato com esses filósofos, optamos por dividi-los em 3 grandes grupos ou escolas, sabendo, por outro lado, que longe de ser perfeita, esta divisão deixa de lado pontos divergentes de suas teorias a favor de uma pretensa unidade.

Na *escola jônica*, agrupamos os pensadores que elegeram um único elemento como princípio fundante do real. São eles: Tales (A Água), Anaximandro (O Ilimitado), Anaxímenes (O Ar), Heráclito (O Fogo), Xenófanes (A Terra).

Aqueles pertencentes à *escola italiana* de Pitágoras (O Número), Parmênides e seus discípulos Zenão e Melisso (O Ser) desenvolvem teorias bem complexas tomando como base princípios abstratos e que virão, mais à frente, influenciar o pensamento de grandes nomes como Sócrates e Platão.

Por fim, os filósofos *pluralistas* (ou de 2ª fase) que defenderam que a realidade é o resultado de dois ou mais elementos. São eles: Anaxágoras (A multiplicidade e o Espírito), Empédocles (Os 4 elementos) e os atomistas Leucipo e Demócrito.

O período clássico

Chamamos de período clássico da Filosofia, toda a produção intelectual grega compreendida entre os anos de 500 a.C. e 338 a.C. e que tem em Sócrates a sua figura mais importante. Historicamente, os gregos viviam em seu período de apogeu econômico marcado pela disputa entre a democracia ateniense e a oligarquia espartana.

A Filosofia viu em Atenas o espaço ideal para o seu florescimento, mas foi apenas com Platão, principal discípulo de Sócrates, que atingiu o seu ponto mais alto.

Enfim Sócrates

Sócrates foi um ateniense exemplar. Apesar de sua origem humilde (filho de um escultor e de uma parteira), serviu como soldado de infantaria na **Guerra do Peloponeso**, vindo a dedicar-se à Filosofia através dos ensinamentos de Anaxágoras e Arquélau. Segundo a tradição, Sócrates teria despertado para a sua verdadeira vocação ao ver um parto feito por sua mãe, passando a chamar o seu próprio método de *maieutica* (em grego esse termo significa *dar à luz, parto*). Para ele, a tarefa do filósofo não seria fazer de seus alunos depósitos do conhecimento de seu mestre, mas, ao contrário, permitir o nascimento das ideias já existentes.

Guerra do Peloponeso

Conflito armado entre as cidades gregas de Esparta e Atenas e seus aliados, ocorrido entre os anos de 431 a 404 a.C. e que marca o declínio da hegemonia grega no mundo antigo.

Saiba mais em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Peloponeso

Por meio de perguntas sobre os fundamentos das coisas e de sua famosa ironia, Sócrates tornou-se o modelo de filósofo recorrente ainda nos dias de hoje. Eternamente distraído com suas reflexões, possuía uma legião de jovens seguidores que, juntamente com ele, perambulavam pelas ruas da Cidade de Atenas para ouvir as suas preleções sobre ética.



Figura 4: Sócrates filosofando ao ar livre com seus alunos. Pintura de Johann Friedrich Greuter: “Sócrates e seus estudantes”.

Diferentemente dos seus antecessores, Sócrates fora capaz de apresentar argumentos consistentes, mesmo que por vezes inconclusivos, sobre uma infinidade de temas, em especial os relacionados à virtude e ao questionamento da natureza humana.

Apesar de não ter deixado nenhum texto escrito, tornou-se célebre por duas passagens registradas por seus alunos Platão e Xenofonte: a ida ao **Oráculo de Delfos** e o processo de seu julgamento.

A sua visita à sacerdotisa (ou Pitonisa) do mais famoso Oráculo daquela época fez de Sócrates o homem mais sábio do mundo. Humilde, aceitou as palavras do deus como reflexo de sua própria consciência diante de suas limitações. ***“A verdadeira sabedoria – dizia o filósofo – consiste em se saber que nada se sabe”***. Essa é de uma das máximas mais famosas da história que traz consigo a concepção que identifica a Filosofia não como *posse* e sim como uma *busca* incessante da verdade.



Figura 5: As Ruínas do Templo de Apolo em Delfos/ Pintura de Michelângelo – Síbila Déléfica (1509) – Edição de Emmanuel Fraga.

O oráculo de Delfos era um dos mais famosos de toda a Grécia antiga. Diversas figuras importantes para lá se dirigiam a fim de conhecer as enigmáticas previsões do deus Apolo ditas através de sua Pitonisa. Conta a tradição que nas paredes do Templo havia um grande número de provérbios e máximas. Uma delas teria inspirado o próprio Sócrates e sua filosofia: “Conhece-te a ti mesmo!”

Outra passagem famosa de Sócrates aconteceu em tempo de sua condenação. O jovem e desconhecido poeta Meleto apresentou ao tribunal as seguintes acusações contra ele:

1. Não reconhecer os deuses do Estado.
2. Introduzir novas e malignas divindades.

3. Corromper a juventude com as suas ideias.

Apesar de sua articulada defesa, Sócrates, com 70 anos, é condenado à morte, por envenenamento por cicuta, no ano de 399 a.C..

Para Platão, a morte de seu amado professor representou a perda não só para aqueles que tiveram a chance de conhecê-lo, mas para toda a Atenas, uma vez que ele: *"foi o melhor e também o mais sábio e mais justo dos homens."* (Fedon, LXVI)



Figura 6: Jacques-Louis David – A Morte de Sócrates.

Diante de seus discípulos mais próximos, Sócrates encarou a morte com dignidade. Após recusar as diversas propostas de fuga da prisão, manteve a sua ironia ao pronunciar suas últimas palavras: *"Críton, dê um galo ao deus Asclépio – do qual somos todos devedores"*.



Multimídia

Uma excelente dica para quem ficou com vontade de saber mais sobre Sócrates é o filme do diretor italiano Roberto Rossellini, *Socrate* (1971). Durante os seus 120 minutos, você acompanhará todo o processo de julgamento e condenação de um dos filósofos mais famosos de todos os tempos.

Assista na íntegra em: <http://www.youtube.com/watch?v=SIJSF-V6yBA>

Os Sofistas

Diferentemente dos primeiros filósofos, cujo interesse girava em torno da natureza (*physis*) de questões mais gerais de ordem metafísica, os Sofistas eram mestres das artes do discurso. Enquanto isso, profissionais do ensino cobravam caro pelos serviços prestados à educação dos mais jovens que almejavam ingressar na carreira política.

A aparente despreocupação com a busca da verdade e o fato de serem, em sua maioria, estrangeiros, constituíram os principais motivos que fizeram da escola sofística uma espécie de antagonista das ideias filosóficas, em especial as de Sócrates.

Assim como o filósofo ateniense, os sofistas deixaram pouquíssimos escritos. No entanto, sabe-se que os seus discursos caracterizavam-se por uma espécie de **relativismo** e **convencionalismo**, expressos em sua concepção de linguagem entendida exclusivamente como discurso de convencimento.

Relativismo

Perspectiva filosófica que defende que várias (ou mesmo todas) as perspectivas a cerca da verdade são relativas a sua época e local de produção.

Convencionalismo

Teoria que defende a ideia de que os valores, os costumes e a verdade são frutos de um acordo coletivo.

Entre os sofistas mais famosos afiguravam-se Protágoras de Abdera (481 a.C.-420 a.C.) e Górgias de Leôn-
cio (483 a.C.-376 a.C.). O primeiro ficou célebre pelas implicações de sua máxima: “*O homem é a medida de todas as coisas, das que são que elas são, das que não são que elas não são*”. O segundo pelo seu “*Tratado do Não Ser*” e “*Elogio de Helena*”.

Na polêmica obra “*Tratado do Não Ser*”, Górgias pretendeu desconstruir todos os principais pressu-
postos metafísicos através de três afirmações categóricas: “nada existe; mesmo se o ser existisse, então
seria incognoscível; e se fosse cognoscível, então este conhecimento (do Ser) seria incomunicável”.

Em “*Elogio de Helena*”, o sofista se utiliza de uma outra estratégia. Ao absolver Helena de Tróia – odiada
pelo povo grego que, desde sempre, lhe imputou toda a culpa pela guerra – Górgias pretendeu provar
que basta uma boa argumentação para que se atinja o convencimento.



Saiba Mais

Muito se discute sobre eles ainda hoje. Eles eram filósofos ou apenas enganadores – à exemplo da opinião de Platão presente em seus muitos diálogos dedicados a esses pensadores.

A filosofia de Platão

Platão (437 a.C.-347 a.C.) foi o mais famoso discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles.

Em sua fase inicial, seus escritos têm na figura de Sócrates o seu principal protagonista e caracterizam-se pela crítica ao conhecimento sensível e pela tentativa de reprodução do pensamento socrático. Mais tarde, Platão – mesmo que a partir dos ensinamentos do mestre – desenvolve as suas três teorias principais, a saber:

- a teoria *das ideias ou formas* (apresentada de modo didático no diálogo “*Fédon*”) que defende a existência de 2 mundos distintos: o sensível e o inteligível;
- a teoria da *linha dividida* (explicitada na obra “*República*”), na qual propõe uma hierarquia entre as diferentes formas de conhecimento e, finalmente;
- a teoria da *reminiscência da alma*, delineado no “*Fedro*”. A partir do Mito da parelha alada, Platão justifica a educação como um processo de relembramento (*anamnese*, em grego), uma vez que, enquanto almas, havíamos contemplado todas as ideias existentes, mas que foram esquecidas no ato da encarnação.

É importante ressaltar que as duas primeiras teorias foram uma espécie de resposta aos problemas deixados pelos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, isto é, o impasse entre o mobilismo universal e o imobilismo. E a última, um recurso à crença pitagórica da **mentempsicose** e ao papel de “parteiro” do educador, defendido por Sócrates.

Mentempsicose (do grego: *metà* = além de, e *psiquê* = alma)

Crença, de origem indiana ou egípcia, na transmigração das almas e sua encarnação em homens, animais ou mesmo vegetais.

O pensamento platônico é considerado um marco na história da Filosofia, tanto pela sua complexidade quanto pela abrangência de temas, e sua influência se fez sentir não somente na Grécia, com a sua Academia, mas durante todos os longos séculos da Filosofia cristã.



Figura 7: Academia platônica: mosaico de Pompeia, agora no Museu Arqueológico Nacional (Nápoles).

A Academia, fundada por Platão por volta de 387 a.C. em Atenas, é considerada a primeira escola de Filosofia. Seu principal aluno, Aristóteles, ingressou na Academia com apenas 17 anos de idade e lá permaneceu por 20 anos, vindo mais tarde (em 335 a.C.) a fundar a sua própria escola chamada Liceu. Devido à influência pitagórica, a Academia de Platão atribuía uma grande importância ao estudo da Matemática e, em seu pórtico de entrada, havia uma inscrição que dizia: "Que não entre quem não souber Geometria".

Atividade 2

A fim de superar a posição dos filósofos monistas quanto ao problema do Ser e do movimento, do uno e do múltiplo, Platão constrói sua teoria das ideias. A partir de então, defende a existência de dois mundos, a saber: um que respeita as características do Ser de Parmênides (imobilidade, permanência) e outro que é o palco de mudanças e transformações constantes apontado pelos mobilistas como Heráclito de Éfeso. De acordo com essa teoria, podemos afirmar que:

- a. o mundo das ideias é o mundo verdadeiro, cópia abstrata do mundo concreto;
- b. a conquista do conhecimento e da verdade só é possível através de uma espécie de ascese na qual o homem se liberta do mundo real em direção ao mundo ideal;
- c. o mundo sensível não existe, portanto, não é um problema a ser investigado;
- d. a nossa mente produziu o mundo das ideias, que nada mais são do que conceitos que habitam o nosso intelecto.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Conclusão

Já dizia um ilustre filósofo alemão que *“não se aprende Filosofia e sim a filosofar”*. Por outro lado, sem conhecer um pouco de sua história, esta fascinante arte de admirar-se e refletir sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca poderia parecer ainda mais estranha e desprovida de sentido.

Em razão disso, aprendemos que a Filosofia é, ao mesmo tempo, um produto grego e de todo aquele que, assim como Tales, procura por respostas. E, mesmo tendo entrado em contato com diversas teorias – por vezes contraditórias – percebemos que une os seus autores é uma certa inquietação em relação a (quase) tudo.

Esse espírito questionador, crítico e curioso estava presente em todos os filósofos que foram abordados nesse primeiro módulo, não é mesmo? E em você? Esperamos sinceramente que sim...

Resumo

Aprendemos em nossa aula que:

- Existem diferentes formas de explicação da realidade, tais como o Mito, a Ciência e a Filosofia.
- Até a época do nascimento da Filosofia, a concepção grega do mundo baseava-se na crença de seres e forças sobrenaturais.
- Entre as condições históricas para o surgimento da Filosofia na Grécia estão a questão cultural e a organização política.
- A Filosofia surge no século VI a.C., na cidade de Mileto, antiga colônia grega da Jônia.
- Tales de Mileto inaugura a Filosofia com a sua máxima “Tudo é água!”
- A Filosofia, antes de mais nada, revela-se como uma espécie de atitude de natureza racional e crítica de busca das origens e fundamentos das coisas.
- Tradicionalmente divide-se a história da Filosofia em 4 grandes períodos ou fases: antiga, cristã, moderna e contemporânea.
- Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos de que temos conhecimento e suas teorias giravam em torno da questão da origem, da natureza, da identidade e da diferença de todas as coisas.
- Sócrates é considerado o mais importante representante do período clássico, ao lado de seu aluno Platão.
- A Filosofia socrática dedicou-se à reflexão sobre a natureza humana, do conhecimento e do ensino da virtude (ética).
- A máxima socrática “só sei que nada sei” foi a fórmula encontrada pelo filósofo a fim de definir a sabedoria como uma forma de reconhecimento de nossas ignorâncias.
- Os sofistas foram mestres das artes do discurso e do convencimento e defendiam, em sua maioria, uma posição contrária a de Sócrates no que diz respeito à busca da verdade.
- Platão foi o principal discípulo de Sócrates e, em seus diálogos, dedicou-se a desenvolver e aprofundar o pensamento de seu professor.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando; introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
- BLACKBRUN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Trad. de Desidério Murcho *et all* . Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.
- CORDI, Cassiano, SANTOS, Antônio Raimundo, BÓRIO, Elizabeth Maia *et all*. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2001.
- LAÉRTIUS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília; Editora da UnB, 1988.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- OSBORNE, Richard. *Filosofia para principiantes*. Trad. de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- PLATÃO. *A República*. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PRÉ-SOCRÁTICOS, Sócrates, Platão e Aristóteles – São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores)
- REZENDE, Antonio (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Imagens

- Figura 1: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/The_Mutiliation_of_Uranus_by_Saturn.jpg
- Figura 2: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Greecemap_EL.png
- Figura 4: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Greuter_Socrates.jpg
- Figura 5: Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Sibila_D%C3%A9lfica.jpg e http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Delphi_temple_of_Apollo_dsc06283.jpg
- Figura 6: Fonte: <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/110000543>
- Figura 7: Fonte: <http://mais.uol.com.br/view/xgzjh84w45eg/academia-de-platao-04023772C0895366?types=A&&fullimage=1>

Atividade 01

Resposta pessoal. A argumentação deverá ser clara no seu objetivo de demonstrar, a partir do texto proposto, qual seria o papel da filosofia na atualidade. É importante ressaltar que o autor faz duras críticas ao dogmatismo, ao contrário da ressignificação da busca pelo conhecimento promovida pela “incerteza” filosófica.

Atividade 02

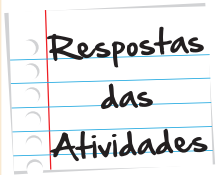
Resposta Correta: B.

A ascese ou dialética ascendente platônica tinha como objetivo o reconhecimento das ideias como fonte única da verdade e do conhecimento. Esse processo de “libertação” da ilusão provocada pelos sentidos é tradicionalmente associado ao Mito da Caverna.

Apesar de considerar o mundo inteligível (das ideias) verdadeiro, Platão jamais defendeu que o mesmo seria uma cópia do mundo concreto como consta na letra A.

Mesmo entendendo as ideias como fundamento do mundo sensível, Platão não foi tão radical a ponto de negar algum nível de realidade às coisas como sugere a resposta C.

Para Platão, as ideias possuem uma existência própria e independente dos conceitos que formulamos em nossas mentes. Por esse motivo, não poderíamos assinalar a letra D como correta.





O que perguntam por aí?

Questão 1 – (UEL 2003)

“Zeus ocupa o trono do universo. Agora o mundo está ordenado. Os deuses disputaram entre si, alguns triunfaram. Tudo o que havia de ruim no céu etéreo foi expulso, ou para a prisão do Tártaro ou para a Terra, entre os mortais. E os homens, o que acontece com eles? Quem são eles?” (VERNANT, Jean-Pierre. O universo, os deuses, os homens. Trad. de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 56.) O texto acima é parte de uma narrativa mítica. Considerando que o Mito pode ser uma forma de conhecimento, assinale a alternativa correta.

- a. A verdade do Mito obedece a critérios empíricos e científicos de comprovação.
- b. O conhecimento mítico segue um rigoroso procedimento lógico-analítico para estabelecer suas verdades.
- c. As explicações míticas constroem-se de maneira argumentativa e autocrítica.
- d. O Mito busca explicações definitivas acerca do homem e do mundo, e sua verdade independe de provas.
- e. A verdade do Mito obedece a regras universais do pensamento racional, tais como a lei de não-contradição.

Gabarito: D

Questão 2 – (UNICAMP 2013)

A sabedoria de Sócrates, filósofo ateniense que viveu no século V a. C., encontra o seu ponto de partida na afirmação “sei que nada sei”, registrada na obra **Apologia de Sócrates**. A frase foi uma resposta aos que afirmavam que ele era o mais sábio dos homens. Após interrogar artesãos, políticos e poetas, Sócrates chegou à conclusão de que ele se diferenciava dos demais por reconhecer a sua própria ignorância.

O “sei que nada sei” é um ponto de partida para a Filosofia, pois:

- a. Aquele que se reconhece como ignorante torna-se mais sábio por querer adquirir conhecimentos.
- b. É um exercício de humildade diante da cultura dos sábios do passado, uma vez que a função da Filosofia era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos.
- c. A dúvida é uma condição para o aprendizado e a Filosofia é o saber que estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos.
- d. É uma forma de declarar ignorância e permanecer distante dos problemas concretos, preocupando-se apenas com causas abstratas.

Gabarito: A

Questão 3 – (UFU 1999- 2ª Fase)

Quais são as principais diferenças entre Filosofia e Mito?

Gabarito:

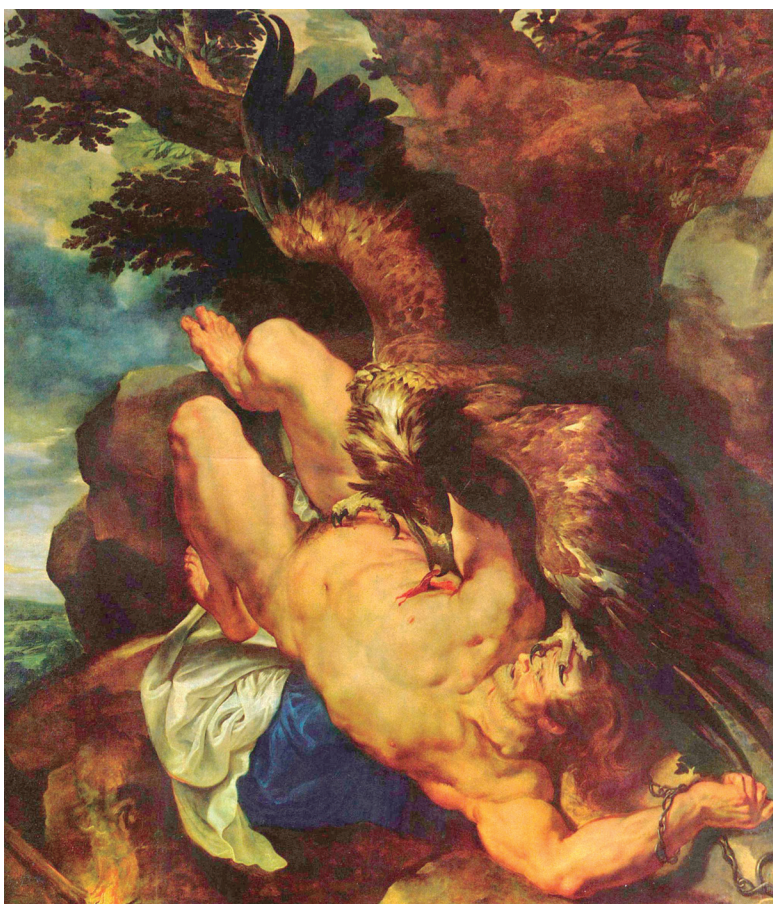
- O Mito não precisa se fundamentar argumentativamente como é necessário no pensamento filosófico;
- A verdade do Mito não pode ser contestada, enquanto a verdade filosófica é construída a partir do debate racional.



Atividade extra

Questão 1

Observe a imagem e, a seguir, responda à questão:



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Peter_Paul_Rubens_032.jpg



A imagem retrata o suplício de Prometeu, um titã defensor da humanidade, conhecido por sua astúcia e inteligência. Na imagem, ele está sendo castigado por haver roubado o fogo de Zeus e dado aos homens. Esta é uma explicação de como a humanidade encontrou e passou a utilizar o fogo.

Como é chamada esta forma de explicar a realidade e qual a sua principal característica?

Questão 2

“Aos olhos do mito, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição, em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heroico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou a uma criatura com habilidades sobre-humanas”.



Fonte: http://farm1.staticflickr.com/39/79050918_b579602cdc_o.jpg

Baseado no texto, podemos afirmar que o mito se constitui como:

- a. uma tentativa de explicar a realidade existente;
- b. a forma de filosofar do povo grego antigo;
- c. uma forma racional de explicar a realidade;
- d. uma explicação falsa sobre a realidade existente.

Questão 3

A Filosofia apresenta-se como um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma explicação, fundada:

- a. em argumentos sofisticados;
- b. na crença em um único Deus;
- c. na observação e no raciocínio;
- d. na existência da realidade.

Questão 4

O sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel afirma que um dos primeiros problemas da Filosofia é o de investigar e estabelecer a sua própria natureza. Talvez a Filosofia seja a única disciplina que se volte para si mesma dessa maneira. No entanto, mais importante do que procurar uma definição para ela, é compreendê-la enquanto uma ATIVIDADE. Com suas palavras, escreva sobre a atividade filosófica e sua importância enquanto reflexão crítica.

Questão 5

Para fins didáticos, a História da Filosofia é dividida em épocas ao longo de seus 27 séculos. Cheia de discussões e teorias, a Filosofia tem como finalidade responder a questões que assolam o espírito humano.

De que questão central ocuparam-se os primeiros filósofos? Dê um exemplo.

Gabarito

Questão 1

Esta forma de explicação da realidade é chamada Mito e sua principal característica é explicar os fenômenos naturais e sociais a partir de seres sobrenaturais.

Questão 2

- A** **B** **C** **D**
- ☒ ☐ ☐ ☐

Questão 3

- A** **B** **C** **D**
- ☐ ☐ ☒ ☐

Questão 4

Resposta pessoal.

Questão 5

Os primeiros filósofos tentaram explicar a diversidade e a transitoriedade das coisas do universo, reduzindo tudo a um ou mais princípios elementares, os quais seriam a verdadeira natureza ou ser de todas as coisas.

Como alguns exemplos temos: Tales (A água), Anaximandro (O ilimitado), Anaxímenes (O ar), Heráclito (O fogo), Xenófanes (A terra) etc.



Quem é o ser humano?

Fascículo 1
Unidade 2

Quem é o ser humano?

Para início de conversa...

Como vimos, a Filosofia iniciou-se perguntando sobre a *natureza* das coisas do mundo. Os filósofos queriam explicar qual o princípio que fornece a identidade de cada ser. Um cavalo, uma pedra, um ser humano, uma árvore são seres distintos. No entanto, por mais que eles se transformem, eles continuam sendo o que são. Não é porque um cavalo se modifica que ele deixa de ser cavalo e se torna uma pedra. Antes disso, tudo indica que há no cavalo, assim como nos outros seres, alguma coisa que permite que haja transformação em seu ser sem destruição de suas particularidades. Esta natureza que sustenta cada ser, que os permite se transformarem e se preservarem sendo o que são, foi o objeto primeiro da Filosofia. É como se o filósofo se encantasse com a multiplicidade de seres do mundo, com suas transformações (devir) e com o fato de que, ainda que tudo mude, há algo que preserva cada ser sendo o que é. O que seria esse algo? Como podemos entendê-lo?

Aos poucos, os filósofos deslocaram sua atenção para o ser humano. Isto não é difícil de ser compreendido. Somos nós que admiramos o mundo. Somos nós, seres humanos, que perguntamos por que as coisas são do jeito que são e não de outro modo. Somos nós que criamos a Filosofia, assim como a poesia, os mitos e a religião. Por isso, nada mais justo do que a Filosofia concentrar-se, também, no ser humano e buscar entender sua essência e sua riqueza. Entretanto, se hoje, com o desenvolvimento de diversas ciências (como a medicina, a psicologia, a sociologia, a antropologia, dentre outras), nós possuímos muitos conhecimentos sobre o ser humano, não quer dizer que a Filosofia, ao longo de mais de 2.500 anos de existência, sempre tenha considerado o ser humano da mesma forma.

Nada disso. Muitos elementos que hoje acreditamos como constitutivos do homem não eram pensados antigamente pelos filósofos. O que atualmente chamamos *inconsciente* não era sequer mencionado pelos filósofos. Isso mostra que a maneira como o ser humano entende a si mesmo sofreu e ainda sofre variações ao longo da história. Dito de outra maneira: o modo como o homem se compreende é construído historicamente. A Filosofia nunca conheceu uma teoria que conseguisse responder, de uma vez por todas, quem é o ser humano. Estamos sempre questionando quem somos e dizendo de modo renovado quem é o ser humano. Nesse nosso estudo, entre outras coisas, iremos mostrar alguns modos e alguns conceitos que a Filosofia, ao longo da história da cultura ocidental, criou para entender quem é o homem.

Objetivos de aprendizagem

- Explicitar o modo mitológico de compreensão do ser humano;
- Caracterizar a definição grega de ser humano como animal racional;
- Definir a ideia medieval de ser humano como imagem e semelhança de Deus;
- Assinalar a compreensão moderna de ser humano como subjetividade autônoma;
- Apresentar o ser humano contemporâneo como ser de desejos e ser racional.

Seção 1

A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos

Como vimos na última aula, a Filosofia nasceu de uma ruptura com os mitos. Isto quer dizer que, antes mesmo de o homem grego questionar a realidade filosoficamente (racionalmente), ele encontrou diversas explicações para o mundo em que vivia. Os mitos, de algum modo, mesmo sem utilizar conceitos racionais, davam respostas a diversas indagações humanas: por que o mundo existe? Qual o sentido da vida? O que acontece após a morte? Por que existe o maremoto? Essas questões e outras encontravam nos mitos suas respostas. Neste sentido, o homem, primeiramente, pensou a si mesmo através dos mitos. Sua existência foi explicada diversas vezes por meio de forças divinas e personagens religiosos e, assim, o homem grego encontrava sentido em sua vida e conseguia lidar, de modo mais seguro, com seu dia a dia. Vejamos um desses mitos. Trata-se de um mito famoso chamado Fábula de Higino. Ela estruturou a compreensão dos romanos antigos, que era muito parecida com a dos gregos, sobre quem é o homem e qual o seu destino. Seus personagens correspondem a outros personagens presentes na cultura grega antiga:



Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil.

(Disponível em <http://elogica.br.inter.net/lumigun/fabula.htm>. Dia 4/07/2012)





Figura 1: O Júpiter de Esmirna (Museu do Louvre) com um dos seus atributos: o raio.

Esse é um mito que explica para o homem romano antigo diversos elementos importantes para sua vida. Nele, o ser humano é ser feito de barro (terra), o que mostra sua fragilidade, sua precariedade e mortalidade. Por sermos barro, devemos cuidar de nós mesmos, buscar meios que fortaleçam nossa condição frágil. No entanto, Júpiter, o deus criador das coisas, nos deu o espírito, o que indica um elemento divino e forte no próprio ser humano. É por causa do espírito que conseguimos viver de modo íntegro em nossa condição mortal. E quem decide o nosso nome (homem) é Saturno, deus do tempo e pai de Júpiter. É o deus do tempo que diz que somos feitos de barro e espírito e, assim, somos feitos de Humus, a terra fértil. Como o ser humano foi planejado pela mente do Cuidado, enquanto ele está na Terra, fica amparado pelo próprio Cuidado. Por isso, é o cuidado que nos faz viver a fragilidade de nossa condição mortal enquanto estamos vivos. Isto indica que, para que vivamos na Terra, é preciso cuidado constante, pois a fragilidade da nossa vida nos ameaça a todo instante.

Esse tipo de discurso, apesar de não ser filosófico, gerou para os antigos um modo de compreensão da natureza do homem. Com a Filosofia, rapidamente, esta maneira de entendimento da natureza humana se renovou. Foi o que aconteceu entre os gregos na época de Sócrates (469-399 a.C.). Eles começaram a perguntar *racionalmente* pela essência humana. Perguntar pela essência humana é perguntar por aquilo que diferencia os seres humanos de todos os outros seres do mundo: o que faz o ser humano ser quem ele é, diferente do cavalo, da pedra e dos deuses? Ao mesmo tempo, a essência do homem é aquilo que, se for retirado do ser humano, aniquila sua identidade. Se retirarmos do ser humano o seu cabelo ou se alguém ficar mais magro ou mais gordo, estas mudanças não mudam a sua essência. A pessoa não deixa de ser um ser humano. Mas, se retirarmos a essência, aí as coisas mudam completamente. Acaba-se com o homem. Foi assim que Sócrates e seu discípulo Platão (427-347 a.C.) enxergaram o ser humano: eles tentaram saber qual é a sua essência, qual é o elemento que, se for retirado do homem, destrói sua natureza.

Como já foi dito, os gregos se espantaram com o dinamismo e com a pluralidade dos seres do mundo. É como se eles achassem tudo isso um verdadeiro milagre. É claro que para nós, homens orientados pela ciência e pela tecnologia, o que encantava os gregos não chama mais a atenção. Apesar disso, devemos levar em conta que eles viveram em outro tempo e, por isso, tinham outro modo de compreender a realidade. Justamente esse modo singular de entender as coisas gerou uma concepção peculiar de ser humano. Por um lado, nós percebemos que as coisas mudam, se transformam e ganham, por isso mesmo, novas configurações. Uma semente se transforma e o caule surge. Logo depois, uma árvore nasce daquele caule. Quando madura, essa árvore pode deixar nascer frutos. O mesmo acontece com um rio. Ele nasce, suas águas fluem e ele desemboca no mar. Percebemos, por todos lados, o fluxo transformador de todas as coisas. Nós mesmos nascemos, crescemos e morremos. Por outro lado, por mais que tudo se transforme, a identidade de cada coisa de algum modo continua preservada. Quando um ser humano se transforma, ele não deixa de ser ser humano e se transforma em borboleta. Uma semente de limoeiro não se transforma em abacateiro. Isto mostra que nós captamos uma dimensão da realidade que se transforma e outra que é estável. É como se tivéssemos duas visões: uma vê a transformação das coisas; já a outra percebe algo constante, que fornece aos seres suas identidades. A partir dessa compreensão do mundo, que o divide em dimensão transitória e dimensão permanente, os gregos criaram seu modo de entendimento de quem é o ser humano. Vejamos o modelo que nasceu com a Filosofia de Platão.

Com Platão, os gregos antigos conseguiram encontrar **uma** resposta para a pergunta: quem é o homem? Assim como o mundo possui uma dimensão transitória e outra permanente, o homem, enquanto é um dos seres do mundo, também possui uma dupla dimensão. A dimensão transitória do homem é o corpo. Através do corpo, os seres humanos sentem os sabores dos alimentos, a espessura dos objetos, o cheiro das coisas, o som dos pássaros e, por meio da visão, vê as coisas ao seu redor. Isso quer dizer que o nosso corpo é composto por diversos sentidos: olfato, paladar, tato, audição e visão. Através dos sentidos, as coisas do mundo mostram sua transitoriedade. Em outras palavras: para os sentidos humanos, tudo flui, tudo se altera, nada é imutável. É o corpo, então, que se relaciona com a dimensão transitória do mundo. Mais: o nosso corpo é tão transitório quanto as coisas transitórias que ele capta. Se os nossos olhos veem uma flor nascer, crescer e morrer, o nosso corpo também nasce, cresce e morre. Neste sentido, o corpo humano é o que faz com que o ser humano seja mortal. Nós morremos porque o nosso corpo não é imutável. Ora, mas, como já foi dito, apesar de nós captarmos a transitoriedade das coisas pelos sentidos, de algum modo nós também percebemos no mundo algo de constante, algo que não é transitório. Captamos com os olhos uma criança ou uma obra de arte bela. Mas, a criança e a obra de arte não são eternas. Elas se transformam. A criança se transforma em adolescente e a obra de arte pode ser quebrada ou queimada por um incêndio. Mesmo que elas se transformem, a beleza não desapareceu por causa dessa transformação. Pelo contrário: nós continuamos a perceber a beleza em outras coisas: em poesias, nos carros, em outras pessoas etc. Isso quer dizer que a beleza não muda só porque os objetos belos mudaram. A essência de beleza não é transitória. Ora, se o nosso corpo só capta o que é transitório, como é que nós captamos o que não se transforma?

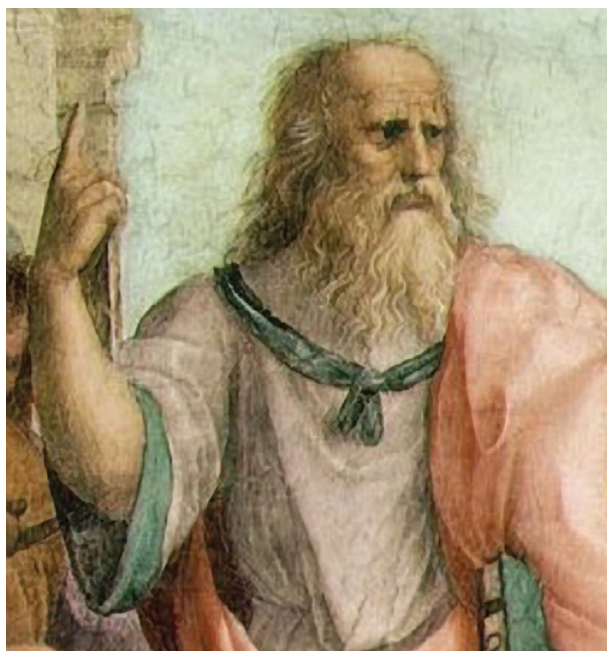


Figura 2: Platão. Detalhe da obra *A Escola de Atenas*, de Rafael. Na obra, Platão aponta o indicador para o alto: a inteligência filosófica deve desviar-se do mundo das aparências e voltar-se para a realidade das coisas eternas.

Platão entendia que o homem não é somente corpo. Há algo nele que não é transitório. Esse algo é a alma. Ela está no nosso corpo, mas não se confunde com ele. É ela que conhece a dimensão permanente da realidade. Se o corpo capta os seres transitórios por meio dos sentidos, a alma capta a essência eterna das coisas através da razão. Quando vemos uma pessoa agir de maneira justa, reconhecemos que aquela ação que os nossos olhos veem é justa, porque nossa razão conseguiu “enxergar” através daquela ação transitória a essência eterna da justiça. Se nossa razão conhece o que é a justiça, nossos olhos podem ver diversas ações humanas, que nós iremos reconhecer, por mais diferentes que elas sejam, se elas são justas ou não. Outro exemplo: os nossos sentidos podem captar diversas cadeiras de diferentes tipos: cadeira de madeira, cadeira de plástico, cadeira de ferro, cadeira grande, cadeira de balanço. No entanto, só sabemos que todos aqueles objetos que os nossos sentidos captam são cadeiras, porque nossa alma, através da razão, enxergou a essência eterna e universal da cadeira. Isso quer dizer que o nosso corpo capta o transitório, mas nossa razão consegue ir para além do transitório e captar o que é eterno.

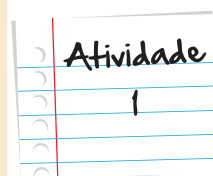
É fácil entender por que os gregos definiram o homem como *animal racional*. Ele é animal porque possui uma dimensão transitória, que nasce, cresce e morre. Essa dimensão possui sentidos e capta o mundo transitório. Essa dimensão não está presente somente nos homens. Outros seres (animais) também possuem essa dimensão. Cachorros e gatos, por exemplo, sentem cheiro, veem as coisas, ouvem barulhos de modo parecido com o ser humano. O que diferencia o homem dos outros animais é sua razão. Se o ser humano é constituído de corpo e de alma, o que o define como homem, que não está presente em outros seres vivos, é a alma racional. Por isso, o homem pensa, fala, cria obras de arte. Isso tudo não pode ser feito por gatos, peixes, cavalos, por mais que eles possam conhecer os objetos singulares através de seus sentidos. Se a razão é o que diferencia o homem dos demais animais, quanto mais ele orientar sua

vida pela razão, mais ele realiza sua essência. Podemos, então, dizer que, com os gregos, o ser humano se entendeu como um animal racional.

1. Segundo o que estudamos **anteriormente**, como você explicaria o modo grego de compreensão do ser do homem?

2. Por que Platão pensava a alma e a razão como as determinações essenciais do homem?

Anote suas
respostas em
seu caderno



Seção 2

O homem medieval: imagem e semelhança de Deus

O homem medieval não enxergou o ser humano tão somente como animal racional. Isso porque o homem medieval era essencialmente religioso. Neste momento da história, o homem encontrou três grandes religiões para orientar sua vida: judaísmo, cristianismo e islamismo. Importa perguntar aqui pelo homem medieval cristão. Diferentemente dos gregos e romanos antigos, o homem cristão não pensou o ser humano somente através da razão. O cristianismo, como sabemos, orienta-se pela Bíblia, a Sagrada Escritura. Por outro lado, na Idade Média, o cristianismo sofreu grandes influências da Filosofia grega. Ainda hoje essa influência se manifesta. Por exemplo: vamos a uma Igreja participar de um culto ou missa de morte de alguém que conhecemos. O celebrante começa a falar de vida após a morte e diz que o corpo morre, mas a alma é imortal. Esse pensamento, que é comum a todas as tradições cristãs, surgiu no cristianismo por causa da influência do pensamento grego antigo. Como vimos, os gregos pensaram o ser humano como um corpo habitado por uma alma. O corpo é transitório e mortal e a alma é imortal. Por isso, com a morte, o corpo se deteriora e a alma sobrevive. Dessa concepção, surgiu, na Filosofia, a ideia de imortalidade da alma. Como o cristianismo medieval sofreu influência dos gregos, ele também pensou (e ainda pensa) que a morte do corpo não aniquila a alma, porque a alma sobrevive à morte. Ora, isso é um sinal de que o cristianismo medieval usou

a Filosofia e a Bíblia para pensar o ser humano. E disso surgiu uma ideia singular da natureza humana. Como, então, o homem medieval entendeu o ser humano? Vejamos alguns textos da Bíblia:

“

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, conforme a nossa semelhança; tenhamos ele o domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (Gênesis 1, 26-28)

Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?

Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés:

Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,

As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.

O SENHOR, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra! (Salmo 8, 4-9)

”

Para o homem medieval, o ser humano é *imagem e semelhança* de Deus. A *grandeza* de Deus de algum modo está presente no ser humano. É neste sentido que o ser humano é a “coroa da criação”. Todas as criaturas foram criadas para que o homem as dominasse. Assim como Deus é Senhor e, por isso, está acima de toda criação, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, foi criado para dominar a criação. É ele que dá *nome* às criaturas e, assim, as usa em benefício próprio. Usa o boi, come a galinha, corta os galhos de uma árvore e constrói casas com pedras. Assim como Deus cria as coisas do mundo, o ser humano cria novas coisas a partir daquelas que encontra no mundo: moradia, arte, jogos. Ao mesmo tempo, o salmo reproduzido acima pergunta: “Que é o homem mortal para que te lembres dele?” Isso mostra que o ser humano relaciona-se com Deus. Deus preocupa-se com o homem. Por isso, sua vida está destinada a relacionar-se com Deus. A Bíblia inteira exorta o ser humano a, cada vez mais, se relacionar com Deus. Somente quando o homem relaciona-se com Deus pode ele viver plenamente. É nesse sentido que se diz que o homem medieval entendia Deus como o eixo em torno do qual gira a vida humana. Ser imagem e semelhança de Deus não é somente ser parecido com Deus. É, sobretudo, ser capaz de se relacionar conscientemente com Deus e buscar Nele o sentido da vida humana. Em vários momentos a Bíblia chama Deus de *Senhor*. Se Deus é o Senhor, é porque Ele domina a vida. O homem medieval reconheceu em Deus o Senhor de sua existência.

Por um lado, o homem medieval reconheceu o ser humano como “senhor” da criação; por outro lado, ele se viu dependente de Deus, pois somente Deus é o Senhor da criação. Por isso, o homem medieval entendeu o ser humano como *criatura* de Deus: uma criatura superior às outras criaturas, mas, ainda assim, o ser humano é uma criatura. Ser criatura significa ser dependente de Deus. Para o homem medieval, todo ser humano depende de Deus. Sem

Deus, a vida humana é pura infelicidade. Com Deus, o homem atinge sua felicidade suprema. Nele, o homem medieval encontrava socorro, alegria, força, paz, perdão, salvação, amor. Sem a dependência de Deus, o ser humano não seria ninguém. Essa dependência do ser humano em relação a Deus foi expressa pelo pintor Michelangelo, na famosa pintura *A criação de Adão* (1511).

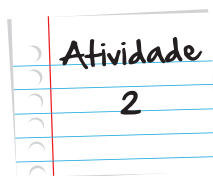


Figura 3: A Criação de Adão, de Michelangelo Buonarroti, por volta de 1511. A pintura figura no teto da Capela Sistina.

A imagem é clara. Deus está sobre a Terra. Acabou de criar Adão. Deus está pairando sobre a Terra, o que é um sinal de superioridade. Adão, desprotegido, sem roupa, só existe porque Deus o criou. Sem Deus, Adão não seria ninguém, um puro nada, sem qualquer existência. Criatura de Deus, Adão necessitará sempre se relacionar com Ele para que sua vida seja plena e feliz. Justamente isto exige do homem *fé*. O homem medieval entendeu o ser humano como um ser que deve ter fé. Se os gregos antigos valorizaram a razão humana, o homem medieval, além da razão, valorizou a fé. Segundo os medievais, a fé leva o homem para uma dimensão mais elevada que aquela que a razão atinge. Isto acontece sobretudo de duas maneiras. Em um primeiro momento, o homem medieval entendeu a fé como o ato de acreditar na revelação de Deus presente na Bíblia. Crer é acreditar naquilo que a Bíblia diz como sendo Palavra de Deus. É claro que a Bíblia afirma várias coisas que a nossa razão por si só não conseguiria alcançar. A Bíblia fala que o Mar Vermelho se abriu por causa de Deus. Só conseguimos saber disso por meio da Bíblia e não porque nossa razão descobriu isto através de sua atividade. A Bíblia diz que Jesus multiplicou pães e peixes. Como nossa razão conseguiria entender este milagre? É a fé que leva o homem a alcançar este conhecimento que a razão sozinha não conseguiria saber. Este conceito de fé orientou toda Idade Média. A fé leva o homem a conhecer algo mais elevado que aquilo que é conhecido pela razão. Mas isso não quer dizer que o homem medieval desconsiderasse a razão humana. Pelo contrário. Para ele, o ser humano deveria sempre usar a razão para explicar melhor aquilo que a fé conhece. Por isso, afirmou Santo Anselmo (1033-1109): “Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender(...) creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender” (ANSELMO, Santo, 1979). Em outras palavras, para o ho-

mem medieval, a fé deve orientar a razão, para que a razão possa explicar aquilo que o homem crê.

Mas, a fé não se reduz ao conhecimento de coisas que estão além da razão. Ela diz respeito à vida humana concreta. O homem de fé vive de modo diferente. Experimenta na sua existência o que a Bíblia chama de *salvação*. Paulo chega a afirmar: “o homem é justificado pela fé” (Romanos 3, 28). Pela fé, o homem não pensa em Deus, mas sente Sua presença em sua existência. Por isso, a fé decide o destino da vida humana e possibilita a ele uma vida de plenitude, que a Bíblia chama de *bem-aventurança*. O homem medieval orientava-se por esses dois conceitos de fé. De qualquer forma, para ele, a razão humana deveria servir à fé e a fé deveria colocar o homem a serviço de Deus. Somente assim, o ser humano assumiria sua essência de imagem e semelhança de Deus.



A seguir, reproduzimos a imagem da escultura “O êxtase de Santa Tereza”, do escultor italiano Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Nele, um anjo está lançando uma flecha no coração de Santa Tereza, mística católica do século XVI. Conta a lenda que o êxtase de Santa Tereza foi precedido pelo seguinte diálogo entre ela e o anjo:

– Teresa... – disse-lhe a voz do ser iluminado que lhe aparecia à frente.

– Chegou a minha hora senhor?

– Não, venho aqui para encher o teu vazio, já o tens sentido há algum tempo. Deus ouviu as tuas preces e encarregou-se de me enviar para te ajudar.

Teresa, um pouco incrédula com a situação, esfregou os olhos para tentar acordar daquilo que só podia ser um sonho, mas não resultou, o ser iluminado ainda se encontrava à sua frente.

– E como pensas encher o meu vazio?

– Deus entregou-me esta lança para que possa satisfazer o teu mais eterno desejo.

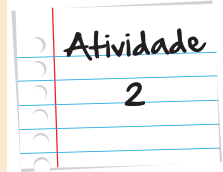


O Êxtase de Santa Teresa

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ecstasy_St_Teresa_SM_della_Vittoria.jpg

Com o auxílio do diálogo reproduzido, diga por que a concepção de ser humano manifestada na escultura sobre o Êxtase de Santa Tereza diz respeito àquela concepção desenvolvida pela Idade Média.

Anote suas
respostas em
seu caderno



Seção 3

O homem moderno: centro do universo

Acabamos de falar sobre o homem medieval. Para ele, Deus é o centro do universo. Isso porque o homem é criatura de Deus, ou seja, o ser humano não seria ninguém se Deus não o tivesse criado. Por isso, seu ser depende de Deus, mas Deus não depende do seu ser. Esse pensamento está hoje em dia expresso em alguns adesivos que muitos motoristas colocam em seus carros. Um deles diz assim: “Você sem Deus não é nada. Deus sem você é Deus”. De forma

semelhante a esse pensamento, o homem medieval deveria cada vez mais assumir a sua dependência de Deus. Isto é a tarefa da fé: entregar-se a Deus inteiramente. Por outro lado, vimos também que a fé, ao crer na Bíblia (Palavra de Deus), informa ao homem algumas verdades que sua razão sozinha não alcançaria. Nesse sentido, a fé leva a razão a uma dimensão mais elevada que aquela que ela mesma acessa. Isso foi válido na Idade Média. No entanto, hoje já não é bem assim. Podemos crer em Deus e ser cristãos. No entanto, o modo como o cristianismo entende o homem (e a realidade) já não é único. Há diversos outros modos de entender a vida e o próprio homem que possuem atualmente mais capacidade de orientar o ser humano. Se, na Idade Média, quando alguém era julgado por um juiz, este deveria levar em conta sobretudo as verdades de fé da Igreja; hoje, se houver um caso de assassinato, ninguém leva em conta se o assassino estava ou não possuído pelo demônio. Na Idade Média, era comum (por exemplo, na **Inquisição**) se falar em demônio, quando alguém era julgado. Podemos pensar em outro exemplo. Se hoje em dia houver um caso de epilepsia em nossa família, procuramos primeiramente um médico para entender o que está acontecendo e para prestar socorro. Na Idade Média, era mais comum a procura de um padre, pois, o que hoje é para a gente uma doença era, para os medievais, uma possessão demoníaca.

Inquisição

O termo inquisição refere-se de modo geral ao conjunto de instituições e instrumentos de caráter judicial criados para combater as heresias no mundo católico medieval. As heresias caracterizam-se como doutrinas contrárias ou diferentes de um sistema doutrinal ortodoxo. Por exemplo, se a afirmação da Trindade é aceita como um dogma do catolicismo cristão, qualquer doutrina pretensamente cristã que ouse negar o dogma da Trindade será considerada herética.

Essa mudança de entendimento se deve ao surgimento da modernidade. A modernidade é justamente uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem moderno passa a compreender o ser humano de um modo novo. Apesar de existirem igrejas e de a Filosofia ser estudada nas escolas e faculdades, aos poucos, não terá tanto valor a concepção antiga de ser humano como animal racional (alma imortal e corpo mortal) ou de criatura de Deus. Cada vez mais o homem medieval irá pensar o ser humano como *sujeito autônomo*. O homem moderno não será mais a “coroa da criação”, como na Idade Média. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um “pequeno Deus”, pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política; pode afastar a morte através da medicina – tudo isso era, anteriormente, obra de Deus (ou dos deuses, no caso dos gregos e romanos). Agora, o destino das coisas e do mundo passa a estar nas mãos do homem. Se a Idade Média é *teocêntrica* – Deus é o centro de tudo –, a modernidade é *antropocêntrica*: o homem é o centro de tudo. Vamos estudar alguns aspectos valorizados pelo homem moderno no ser humano, ou seja, vamos estudar o modo como o homem moderno entendeu a natureza humana.

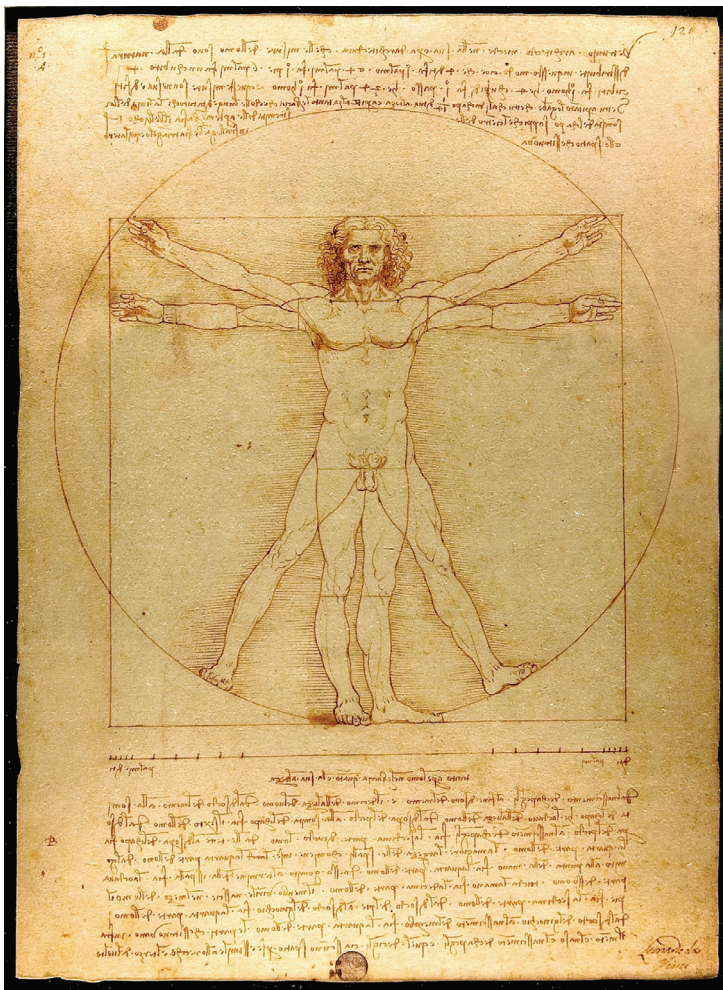


Figura 4: O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci (por volta de 1490). O desenho de Leonardo é inspirado em uma passagem de uma obra da Antiguidade, o tratado *De Architectura*, de Vitruvius. No terceiro livro de sua obra Vitruvius dedica-se à descrição das proporções do corpo humano. O Homem Vitruviano é uma tentativa de Leonardo de esboçar essas proporções e ilustra um novo tipo de preocupação do pensamento europeu, que aos poucos distancia-se de Deus e passa a ter como tema o homem.

O homem moderno é insubmisso, ou seja, ele não se submete a nenhum controle. Por isso, ele não “abaixa a cabeça” para as autoridades do seu tempo. Toda tradição antiga, baseada no poder da Igreja e no poder da monarquia (rei e nobreza), passa a ser questionada. A modernidade é a época de inúmeras revoluções: Revolução Científica, Revolução Francesa, Revolução Industrial. Toda autoridade antiga passa a ser questionada. Não importa se as coisas são do jeito que são porque a Igreja diz que devem ser assim. O homem moderno quer saber se ele mesmo pode dizer o porquê das coisas. Isso mostra uma primeira característica do homem moderno: a separação entre fé e razão.

Diferentemente da Idade Média, o homem moderno não conjuga fé e razão e não acredita que a fé deve levar a razão a um nível que ela, por si mesma, não alcançaria. Se a fé estava atrelada à Igreja e aos seus conhecimentos e dogmas, o homem moderno vai querer libertar a razão do jugo da fé. Isto significa que, para a modernidade, a razão deveria lutar contra o poder de dominação da Igreja e de seus conhecimentos. Por isso, a modernidade, cada vez mais, luta contra o poder da Igreja. Hoje em dia, isso aparece com mais clareza. Nós não perguntamos o que as igrejas cristãs pensam para lidarmos com diversos problemas da vida atual. O nosso governo não é obrigado a acatar o que as igrejas querem, só porque elas querem algo. Em nossas escolas, as crianças e adolescentes não aprendem, nas aulas de biologia, a doutrina da criação do universo em sete dias, mas aprendem a teoria da evolução de Darwin.

Se estivéssemos na Idade Média, seríamos proibidos de falar em evolução das espécies. Isso mostra o quanto a Igreja perdeu poder em nossa cultura. Isto é assim por causa da modernidade.

A política moderna também é marcada por um claro desejo de libertação. A sociedade antiga era organizada por um tipo de poder que era considerado sagrado. Considerava-se os reis como escolhidos por Deus. A pobreza era resultado da vontade divina. As classes sociais também eram desejadas por Deus. Havia, portanto, uma autoridade divina que justificava as injustiças sociais. O homem moderno, aos poucos, começa a lutar contra esta ordem. Os governos passam a ser formados pela vontade dos indivíduos: os cidadãos. Não há nenhum poder que seja eterno, pois todo poder tem de ser construído por meio da participação do povo. Ao mesmo tempo, quem cria as leis não é a fé religiosa, mas a razão humana. Cada vez mais surgem países que assumem regimes democráticos e retiram do poder reis e nobres. As revoluções surgem por todos os lados, para destruir as bases das velhas políticas. Tudo o que se relaciona com opressão e controle passa a ser questionado pelo homem moderno. Isso significa que a modernidade entende o ser humano de modo diferente do modo como os gregos e medievais entenderam.

Para os gregos, o homem, enquanto animal racional (corpo e alma), deveria orientar-se pela razão e seguir as leis que governam sua natureza e o mundo. Essas leis seriam encontradas através da razão. Já os medievais, como vimos, consideraram o ser humano como criatura de Deus. Os homens deveriam se submeter a Deus pela fé e pelo seguimento da autoridade da Bíblia. Tanto os gregos quanto os medievais achavam que o ser humano deveria se submeter a alguma autoridade previamente instituída: ou Deus ou a natureza humana. Para os gregos, a natureza humana contém uma ordem e uma finalidade que podem ser captadas pela razão e seguidas por cada indivíduo. Já os medievais acreditavam que Deus instituiu leis que devem ser seguidas, para que o ser humano seja salvo e conquiste o céu.

O homem moderno é diferente. Não se submete a nenhuma autoridade que não tenha sido criada pela razão. O homem se torna o autor das leis que explicam o mundo e que orientam suas ações. A natureza passa a se submeter à razão humana. Mas, como os modernos entendem a natureza do ser humano, para que consigam atribuir a ela tanto poder? Resposta: na modernidade, o ser humano não é o animal racional grego, também não é a criatura de Deus dos medievais, mas o ser humano é considerado *sujeito*. Vejamos o que isto significa.

Em nosso dia a dia, aplicamos a palavra sujeito sempre a pessoas humanas. Por exemplo, um policial diz: “Ali está um sujeito suspeito”; “O sujeito de camisa branca está andando na contramão”. Do mesmo modo, alguns homens dizem: “ Eu sou sujeito homem”. Não dizemos hoje que uma pedra é um sujeito ou que um cachorro seja um sujeito. Sujeito é uma palavra que se usa para falar do ser humano. Se fosse na Idade Média, as coisas seriam diferentes. Para os medievais, a pedra, Deus, os anjos, todos eles eram sujeitos, assim como o ser humano. Sujeito era uma dimensão presente em todos os seres. Mas, para os modernos, sujeito é um termo que se aplica somente ao ser humano. Isto não é assim à toa. Todos nós já ouvimos uma frase famosa do filósofo Descartes (1596-1650): “Penso, logo existo”. Pode-se dizer que esta frase sintetiza o espírito da modernidade. Através dela conseguimos entender por que o homem moderno pensa o ser humano como sujeito. Descartes, assim como todo pensamento moderno, tinha duvidado de todo conhecimento da tradição filosófica. No seu tempo, a ciência moderna estava nascendo, mas não se sabia muito bem como justificar filosoficamente essa ciência. Por isso, Descartes passa a duvidar de tudo e caminha em direção a

um conhecimento que não possa ser duvidado. Desse modo, Descartes queria conquistar um novo fundamento para o pensamento filosófico. Qual seria esse fundamento que não poderia ser posto em dúvida?

Podemos duvidar de tudo. Podemos duvidar de que estamos acordados, pois, quando sonhamos, em meio ao sonho, não sabemos que estamos sonhando. Basta pensar em nossos pesadelos. Se estamos tendo um pesadelo, só ficamos desesperados, se achamos que o que está acontecendo no pesadelo é verdadeiro. No entanto, aquilo tudo é ficção. Podemos, então, estar sonhando, quando achamos que estamos acordados. Desse modo, Descartes diz que podemos duvidar de se estamos acordados. Podemos também duvidar dos nossos sentidos: paladar, olfato, tato, audição e visão. Quando vemos uma barra de ferro dentro de um balde de água, achamos que a barra está torta e, na verdade, ela está reta. Podemos supor que nossos sentidos nos enganam sempre. Por outro lado, podemos também pensar que estamos sempre pensando algo que seja ilusório. Descartes chega a propor a ideia que pode existir um demônio nos enganando 100% do dia, nos fazendo pensar algo que é pura ilusão. Se pensarmos que podemos estar sendo enganados a todo momento, há algo que não podemos duvidar. Quando estamos iludidos, estamos pensando e quando pensamos, por mais que estejamos enganados, não podemos duvidar de que nós existimos. Daí a frase: “Penso, logo existo”. O critério para chegarmos a esta descoberta é que algo só é verdadeiro se for evidente, ou seja, se a razão humana não puder colocar em dúvida. Tudo o que o homem conhece – inclusive Deus – como evidente é verdadeiro. Com esse tipo de entendimento, o homem é sujeito e a realidade que ele conhece é objeto. Por isso, para o homem moderno, o ser humano é essencialmente sujeito: nele está o critério da verdade dos objetos (evidência) e, sem ele, a realidade não pode ser considerada verdadeira ou falsa.

O que interessa observar é que, quando nos consideramos sujeitos, e as coisas, objetos, estamos dizendo que nada do que for evidente para a razão humana pode ser considerado verdadeiro. A consequência disso é clara: as ciências modernas são evidentes, logo são verdadeiras. As artes não são evidentes, logo não podem ser levadas a sério, pois não são portadoras de verdade. O que a Igreja diz não é evidente, logo não pode ser comparado às ciências, que são portadoras da verdade. Os governos autoritários monárquicos não podem ser justificados racionalmente, logo não podem ser considerados verdadeiros. Considerado sujeito, o homem, através da razão, passa a dominar a realidade, que é um conjunto de objetos. Cria as ciências, que ajudam a controlar a estrutura dos objetos, arrancar deles suas energias e colocá-las a serviço do ser humano. Cria a técnica, que faz com que os homens possam transformar a natureza segundo sua vontade. Com a técnica e ciência, o homem moderno prevê chuvas, constrói pontes, produz carros, prevê doenças, cria prédios que o protegem de chuvas e alagamentos. É assim que o homem se transforma em centro do universo. Ser sujeito é sujeitar, ou seja, dominar todos os seres por meio da razão e colocar tudo à disposição do ser humano.

Atividade

3

O pintor renascentista holandês Hans Holbein, o jovem, pintou, em 1533, o quadro “Os embaixadores”. Na tela, vemos um navegador e um padre diante de uma série de instrumentos que apontam para profissões ligadas ao mundo dos profissionais liberais: um globo terrestre, uma viola, instrumentos de medição. Além disto, vemos no primeiro plano, de maneira algo distorcida, uma caveira. Tudo isto nos fala sobre a vida e sobre a morte de uma forma não mais ligada ao eterno. A partir da análise da tela reproduzida a seguir, diga qual a concepção de ser humano que está representada na tela e justifique sua resposta.



Os embaixadores de Hans Holbein, o jovem (1533).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 4

O homem contemporâneo: ser social e de desejos

Vivemos hoje em um outro momento da história. Já não acreditamos mais no tipo de homem pensado pela modernidade. Por mais que muitas vezes falemos que somos sujeitos, não acreditamos que essa palavra signifique a mesma coisa pensada pelos modernos. Por quê? Não há uma resposta isolada, mas muitas possíveis respostas. Primeiramente, não há como pensar que somos um ser que possa ser pensado como o centro do universo. Cada vez mais nós percebemos que somos seres dependentes. Não somos sujeitos acima das coisas. Não somos seres desconectados da realidade. Nossa vida está entrelaçada com diversos outros seres. Os filósofos contemporâneos, de diversos modos, mostraram que a nossa natureza ou o nosso ser é formado pelas relações sociais em que vivemos. Apesar de os filósofos gregos, como Aristóteles (384-322 a. C.), terem afirmado que o ser humano é um ser social, eles acreditavam que nós temos uma essência igual a dos demais seres humanos: somos animais racionais. Vejamos dois pensadores que nos ajudam a compreender como nós, contemporâneos, compreendemos o ser humano.

O primeiro pensador é Karl Marx (1818-1883). Marx mostrou que o nosso ser é formado pelo lugar social que ocupamos e pelo que nós produzimos nesta mesma sociedade. Se somos pobres, o nosso ser é diferente do ser dos ricos. Do mesmo modo, se somos negros pobres, somos diferentes dos negros ricos. Quem vive em uma favela do Rio de Janeiro, vê a vida de um modo diferente dos ricos que moram nessa mesma cidade. Basta pensar que aqueles que vivem nas ruas possuem corpos, doenças, desejos, medos, valores diferentes daqueles que são de classe média. Por outro lado, Marx mostra que nós nos construímos por meio daquilo que produzimos em nossa sociedade. Se trabalharmos como pedreiros 14 horas por dia, nosso ser será diferente daqueles que são jogadores de futebol e treinam 3 horas por dia. Mas, isso não significa que todo pedreiro seja igual. Se o pedreiro viver em um país rico, como a Alemanha, e tiver boas condições econômicas, ele será diferente de um pedreiro que mora no Brasil, que precisa trabalhar umas 10 a 12 horas por dia para receber um salário mínimo por mês. Ora, como as sociedades se transformam, mudam os seres humanos que nelas vivem. Por isso, todo ser humano é histórico: as pessoas se renovam com as transformações da sociedade e a sociedade muda quando as pessoas a transformam.

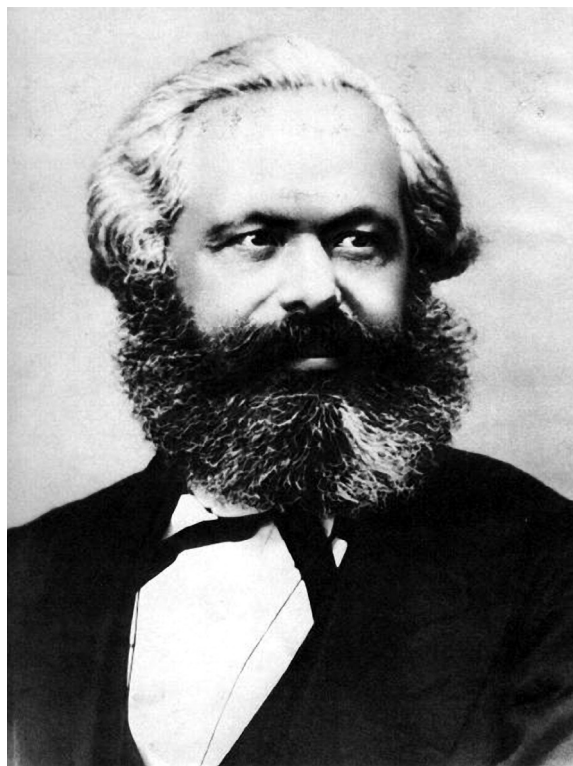


Figura 5: Karl Marx.
Foto de 1867.

Se por um lado, somos seres sociais, por outro, não somos totalmente racionais e conscientes. No século XX, Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano não é essencialmente racional. Freud mostrou que o que orienta o homem são desejos inconscientes. Estes desejos buscam sempre o prazer. No entanto, a cultura em que vivemos regula os nossos prazeres. Por exemplo, uma criança deseja andar nua na rua. Os pais, entretanto, não permitem que ela se comporte desse modo. Isso porque a cultura e a sociedade em que eles vivem não permitem que se ande nu nas ruas. Desse modo, as normas sociais e culturais orientam a maneira com que conduzimos os nossos desejos inconscientes. A nossa consciência, então, é criada através da relação do nosso inconsciente com a cultura da qual fazemos parte. Mesmo assim, Freud mostra que os nossos desejos inconscientes não vão embora por causa das leis sociais. Independente do modo como pensamos, o nosso inconsciente muitas vezes deseja o contrário do que aquilo que a nossa consciência diz que deve ser desejado. Por mais que a nossa consciência diga que não devemos desejar sexualmente pessoas casadas, muitas vezes, inconscientemente, nós as desejamos. Outro exemplo: sabemos que não podemos comer comidas gordurosas, mas geralmente são os alimentos mais desejados por nós. Isso mostra que todo o ser humano vive uma grande cisão (divisão). Por um lado, somos seres orientados pelos desejos inconscientes, que buscam prazer. Por outro lado, nossa consciência é formada pelo modo como assimilamos as normas da nossa cultura e da nossa sociedade. Grande parte das vezes, a nossa cultura não permite que realizemos os nossos desejos e, por isso, ficamos frustrados. Orientados pelo inconsciente, não é a razão que nos determina, como pensaram os modernos. Somos seres que desejam e não somente seres que pensam. Nossos pensamentos são orientados pelos nossos desejos e não o contrário.

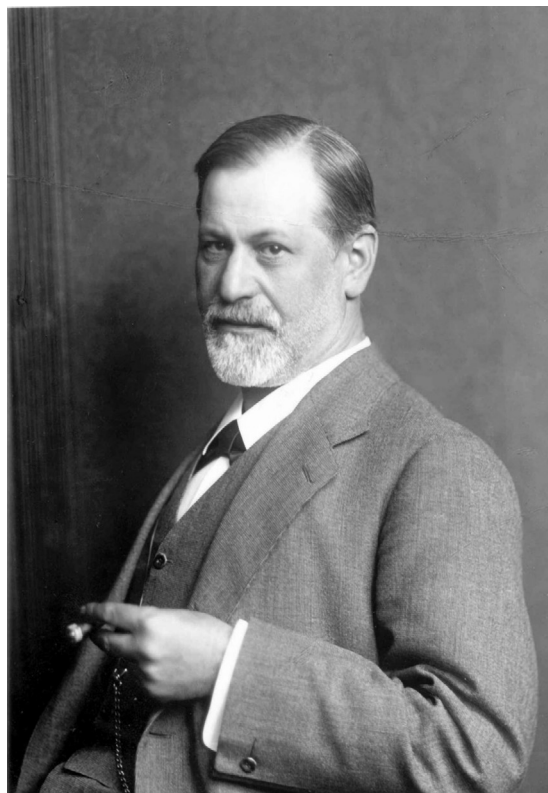
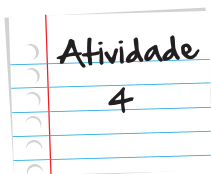


Figura 6: Sigmund Freud em 1900.

Esses dois pensadores (Marx e Freud) nos mostram que o pensamento contemporâneo desconstrói a autonomia da razão humana e mostra que os seres humanos são formados por elementos não racionais mais fundamentais que a própria razão. Nossos desejos e nosso lugar social são mais essenciais do que a nossa razão. Os nossos pensamentos dependem dos nossos afetos (desejos), do lugar que ocupamos em nossa sociedade e da função que nela desempenhamos. Como os nossos desejos são realizados de acordo com a sociedade em que vivemos, nós não somos sujeitos acima das nossas relações sociais, mas nosso ser depende dos laços sociais e culturais onde vivemos. Isto mostra que não nascemos prontos, não temos uma essência imutável. Quem nós somos depende da sociedade em que vivemos, da função que nela desempenhamos e dos desejos que nos orientam. Nada há de pronto em nós. Somos produzidos historicamente.



A seguir, reproduzimos, em parte, o poema “Operário em construção”, de Vinícius de Moraes. Ele fala sobre um operário que, aos poucos, descobre que é por causa do seu trabalho que as principais construções da cidade foram criadas, ao mesmo tempo que descobre que seu trabalho é explorado pelo “patrão”. Eles são diferentes por causa da classe social que ocupam. Após a leitura da trecho a seguir, reproduzido do poema, interprete, segundo o que estudamos de Marx, qual a compreensão de ser humano que orienta o texto de Vinícius de Moraes.

(...)

Ah, homens de pensamento

Não sabereis nunca o quanto

Aquele humilde operário

Soube naquele momento

Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

De que sequer suspeitava.

O operário emocionado

Olhou sua própria mão

Sua rude mão de operário

De operário em construção

E olhando bem para ela

Teve um segundo a impressão

De que não havia no mundo

Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro dessa compreensão

Desse instante solitário

Que, tal sua construção

Cresceu também o operário

Cresceu em alto e profundo

Em largo e no coração

E como tudo que cresce

Ele não cresceu em vão

Pois além do que sabia

– Exercer a profissão –

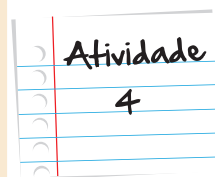
O operário adquiriu

Uma nova dimensão:

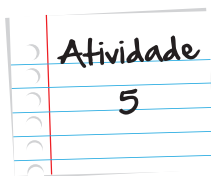
A dimensão da poesia.

(...)

(Texto disponível em www.astormentas.com/vinicius.htm)

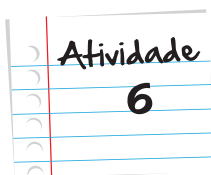


Anote suas
respostas em
seu caderno



Por que o homem contemporâneo não se considera um sujeito autônomo? Como a psicanálise e o pensamento de Marx ajudaram a desconstruir a imagem moderna de ser humano?

Anote suas
respostas em
seu caderno



Faça um quadro diferenciando as concepções estudadas (homem grego, homem medieval, homem moderno e homem contemporâneo) de ser humano ao longo da história da filosofia e diga quais suas principais características.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Resumo

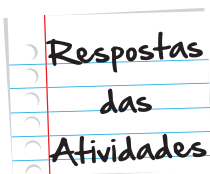
Pelo que vimos, nós seres humanos nunca conseguimos compreender de modo absoluto quem somos. Em cada momento da história do Ocidente e da História da Filosofia, os homens se compreenderam de uma determinada maneira. Animal racional, criatura de Deus, ser que deve ter fé, sujeito racional autônomo, ser social, ser que possui desejos inconscientes – eis algumas definições de ser humano criadas pela História da Filosofia. Pode-se ver, então, que o ser humano é profundamente misterioso. Podemos ainda acrescentar outros elementos que pertencem ao ser humano e que foram destacados ao longo da história: ser que possui emoções, ser religioso, ser lúdico, ser artístico, ser cultural. Por mais que o homem possa ter diversas definições, nenhuma delas esgota a sua riqueza. Podemos dizer que o homem é um eterno enigma para si mesmo. Nunca ele se sentirá satisfeito com os conceitos e definições que ele cria para entender a si mesmo. Talvez sua maior definição seja: o homem é um ser indefinível.

Referências

- A BIBLIA SAGRADA. São Paulo: SBB, 2003.
- ANSELMO, Santo. *Proslógio*. In: Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FREUD, Sigmund. *Freud*. In: coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GILSON, Etienne. *O espírito da Filosofia medieval*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HRYNIEWICZ, Severo. *Para filosofar: Introdução e História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1998.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

Imagens

- Figura 1: Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jupiter_Smyrna_Louvre_Ma13.jpg
- Figura 2: Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Plato-raphael.jpg>
- Figura 3: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:God2-Sistine_Chapel.png
- Figura 4: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano
- Figura 5: Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marx1867.jpg>
- Figura 6: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Freud_ca_1900.jpg



Atividade 1

1) Os gregos entendiam o ser humano como uma totalidade estruturada por dois elementos: o corpo e a alma. O corpo é responsável por relacionar o ser humano com o mundo transitório: o mundo das coisas que nascem e morrem. Já a alma é possuidora de razão e, por isso, pode conhecer uma dimensão essencial dos seres, que não é transitória;

2) Corpo e alma são essenciais porque sem eles não se explica o modo como o ser humano relaciona-se com o mundo das transformações e o plano das verdades eternas. Estas duas dimensões humanas não podem deixar de existir sem que o homem deixe de ser ele mesmo. Por isso, corpo e alma são essenciais.

Atividade 2

O homem medieval entendia o ser humano como imagem e semelhança de Deus. Neste sentido, a essência do ser humano só pode ser entendida em relação a Deus, pois Deus não somente é o criador do mundo e do homem, como é também aquele que preserva e sustenta como ser, além de garantir a cada um deles os meios de realização de suas naturezas. Neste sentido, o diálogo de Tereza d'Ávila com o anjo mostra que ela irá receber do anjo a luz divina da qual ela carece para realizar o ser, alcançando a sua plenitude. Somente na concepção medieval de ser humano pode-se pensar que a mensagem do anjo faz sentido e traz plenitude ao homem.

Atividade 3

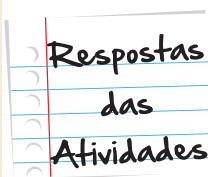
A tela traz à tona dois homens rodeados de instrumentos científicos modernos. O primeiro deles, que está à esquerda do quadro, é o protótipo do homem moderno. Está com as vestes do conquistador moderno. Isto é o sinal de que o homem moderno investigou e controlou diversos fenômenos naturais e passou a concretizar o ideal de progresso que o orientava. Isto só é possível porque a época moderna é o momento em que o ser humano, por meio das ciências, se arroga o posto de controlador e explorador da realidade. Já o homem à direita é o padre, que representa o homem medieval que está sendo substituído pela modernidade, pois nela o homem não é mais imagem e semelhança de Deus, mas sujeito controlador dos objetos.

Atividade 4

Para Marx, o ser humano é fruto das atividades produtivas que desempenha. Por isso, o lugar que ocupa na sociedade em que vive e o trabalho que desempenha são essenciais para se compreender quem é cada ser humano. Neste sentido, o poema de Vinícius de Moraes mostra que o operário compreendeu que por meio dele uma realidade nova surgia, mesmo que não fosse usufruir daquilo que foi por ele criado. Contudo, quando ele se conscientizou disso, algo novo nascia para ele, pois geralmente o operário não percebe que o que ele produz surge dele, porque seu trabalho é fruto da exploração do seu “patrão”. Ao se conscientizar de que o produto vem das mãos do operário, ele pode lutar por novas condições não exploradoras de vida.

Atividade 5

O homem contemporâneo percebeu que diversos elementos maiores que sua consciência atravessam e determinam o seu ser. No caso de Freud, o inconsciente é mais profundo que a razão e a orienta. Com Marx, as relações sociais e as relações econômicas orientam o que pensamos e o modo que vivemos. Ou seja: Marx e Freud mostraram que a razão não é autônoma.



Atividade 6

Homem grego	Animal racional; A alma conhece a verdade não transitória e o corpo conhece o mundo transitório.
Homem medieval	Homem é imagem e semelhança de Deus; Deus é o princípio sustentador dos seres e realizador da natureza humana.
Homem moderno	Considerado sujeito e a realidade é o conjunto de objetos; Controlador e explorador da realidade por meio das ciências.
Homem contemporâneo	Não é mais considerado o centro do universo, nem o dominador da realidade; Ser não autônomo, pois é determinado por elementos não racionais, como o inconsciente e a base econômica da sociedade.



O que perguntam por aí?

Questão 1 – (ENEM 2009)

O filósofo Karl Marx afirmou que “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (Karl Marx. *Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Hucitec, 1991). Essa “mudança do mundo” significava, para ele, a transformação das condições sociais e econômicas dos seres humanos. Qual é a concepção de ser humano que determina esta frase de Marx?

- a. O homem é um animal político.
- b. O homem é um ser social.
- c. O homem é criatura divina.
- d. O ser humano é absolutamente livre.
- e. O homem é um ser de desejos.

Gabarito: B

Questão 2 – (UFC 2010)

O filósofo René Descartes (1596-1650) afirmou, na sua obra *Discurso do método*, que o homem deve ser mestre e dominador da natureza. Por que este pensamento retrata o ideal de ser humano da modernidade?

- a. Porque na modernidade o homem se considera um objeto especial.
- b. Porque na modernidade o ser humano não respeita a ecologia.

- c. Porque na modernidade o ser humano nada mais é que um sujeito que domina a realidade através do conhecimento. Porque o homem moderno é irracional e age como destruidor do mundo.
- d. Por causa das empresas capitalistas que necessitam destruir a natureza para aumentar sua produção.
- e. Porque a modernidade pensa o ser humano como indivíduo isolado.

Gabarito: C

Questão 3 – (ENEM 2011)

No início da sua obra *Confissões*, Santo Agostinho escreveu: “O homem, fragmentozinho da criação, deseja louvar-vos; o homem que publica sua mortalidade, arrastando o testemunho de seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós” (Agostinho, *Confissões*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/São Francisco, I, cap. I). Trata-se de um pensamento que conecta Deus e homem. Esse pensamento se tornará característico de toda Idade Média. Qual o termo que melhor define esta característica do pensamento medieval-cristão?

- a. Teocentrismo.
- b. Antropocentrismo.
- c. Heliocentrismo.
- d. Medievalismo.
- e. Cosmocentrismo.

Gabarito: A



Atividade extra

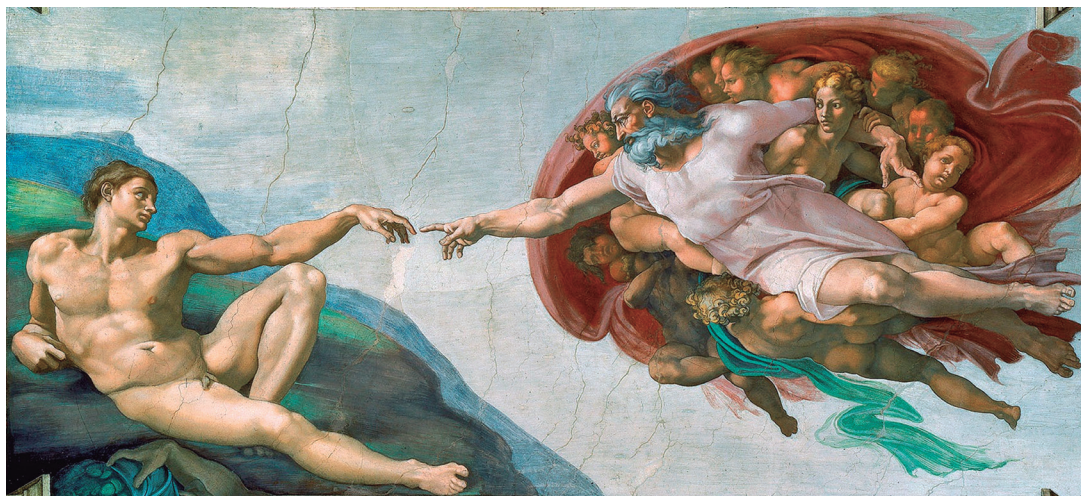
Questão 1

Platão foi o primeiro pensador conhecido a estabelecer a dicotomia corpo/alma para explicar o que é o Homem. Identifique, em Teoria das Ideias, como tal **dicotomia** é fundamentada no pensamento do filósofo.

Dicotomia

Divisão em duas partes, oposição entre duas coisas.

Questão 2



Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Creaci%C3%B3n_de_Ad%C3%A1n_\(Miguel_%C3%81ngel\).jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Creaci%C3%B3n_de_Ad%C3%A1n_(Miguel_%C3%81ngel).jpg)

Ao longo da História, desenvolveram-se diferentes concepções míticas, religiosas, filosóficas e científicas em relação ao Homem, cada uma com sua própria explicação sobre nossa origem, transcendência e sentido da vida. De que maneira o homem era pensado na Idade Média?

Questão 3

O homem, segundo o pensamento medieval, é criado por Deus. Assim, Deus é quem dita as leis que governam a sua vida. Em relação a essa situação, o que muda na Idade Moderna?

Questão 4

Karl Marx e Freud, pensadores contemporâneos, desconstroem a ideia do homem enquanto sujeito autônomo, acima das coisas. Quais são os argumentos de que os dois se utilizam para sustentar tal afirmação?

Questão 5

“Podemos dizer que o homem é um eterno enigma para si mesmo. Nunca ele se sentirá satisfeito com os conceitos e definições que ele cria para entender a si mesmo”.

Com base em seus estudos sobre “quem é o ser humano”, explique com suas palavras, a afirmação acima.



Gabarito

Questão 1

Assim como o mundo possui uma dimensão transitória e outra permanente, o homem, enquanto um dos seres do mundo, também possui uma dupla dimensão. A dimensão transitória do homem é o corpo e a permanente é a alma.

Questão 2

Diferente dos gregos e romanos antigos, o homem cristão não pensou o ser humano somente através da razão. Para o homem medieval, o ser humano é imagem e semelhança de Deus. A grandeza de Deus, de algum modo, está presente no ser humano. É nesse sentido que o ser humano é a “coroa da criação”. Todas as criaturas foram criadas para que o homem as dominasse. Assim como Deus é Senhor e, por isso, está acima de toda criação, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, foi criado para dominar a criação.

Questão 3

A modernidade é uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um “pequeno Deus”, pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política.

Questão 4

Karl Marx mostrou que o nosso ser é formado pelo lugar social que ocupamos e pelo que nós produzimos nesta mesma sociedade.

Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano não é essencialmente racional. Mostrou que o que orienta o homem são desejos inconscientes, os quais buscam sempre o prazer.

Questão 5

A modernidade é uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um “pequeno Deus”, pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política.